

Funcionamento e Resiliência Familiar na Pandemia *COVID-19*

**Estudo comparativo – fases da pandemia e
posição na família**

INÊS FERREIRA SANTOS

Dissertação apresentada ao ISMT para obtenção do grau de Mestre em Psicologia
Clínica

Ramo de Especialização em Terapias Familiares e Sistémicas

Orientadora: Professora Doutora Joana Sequeira, Professora Auxiliar, ISMT

Membros do júri

Presidente: Professora Doutora Laura Lemos

Arguente: Professor Doutor Henrique Vicente

Coimbra, 2022

Agradecimentos

Em primeira instância, agradeço à Professora Doutora Joana Sequeira, minha orientadora, pelo acompanhamento, pela amabilidade, pelo apoio, pela confiança e por ser, para mim, uma referência na prática profissional e pessoal.

Uma palavra especial a toda a minha família que me deu suporte ao longo deste percurso, mas em especial à minha querida mãe que sempre me incentivou e me encorajou, sendo para mim um exemplo de garra e de determinação; e ao meu noivo que sempre me fez acreditar nas minhas capacidades e me amparou nos momentos mais difíceis, demonstrando compreensão e tolerância.

À Diana Silva, pelo incentivo, pelo companheirismo, pela entreaajuda e pela amizade. Foste incansável, obrigada. Adoro-te!

Às minhas colegas de turma, Inês Pereira e Gertrudes Sprânger, pela troca de conhecimento e pelo altruísmo.

Hoje assinala-se um grande marco no meu percurso académico. Este percurso ficou registado com algumas crises pelo meio, mas, felizmente, estas crises originaram mudanças. Mudanças estas que se traduzem hoje em maior resiliência, maior estabilidade-emocional, maior equilíbrio, maior coesão familiar e maior satisfação com a vida, graças à Dr.^a Alexandra Grasina, que me acompanhou desde 2019, e que sei que estará sempre lá.

Agradeço à vida por me ter colocado algumas pedras pelo caminho; elas foram transformadoras.

Dedico este relatório ao meu amado e eterno avô, que sempre demonstrou sentir um enorme orgulho por mim e que, apesar da sua ausência física, me lembra que devemos tentar ser alguém melhor, todos os dias.

E finalmente, a mim! Porque me orgulho de todas as metas traçadas e ultrapassadas.

Resumo

Objetivo: A pandemia *COVID-19* constitui-se como uma crise acidental com impacto significativo no funcionamento das famílias. O objetivo central desta investigação foi analisar a percepção que os pais e os filhos têm do funcionamento e resiliência familiar na pandemia *COVID-19* e estudar a correlação existente entre estas variáveis.

Metodologia: Nesta investigação participaram 1768 indivíduos, com idades entre os 12 e os 83 de idade. O protocolo é composto pelo *questionário sociodemográfico de dados complementares e de avaliação da situação COVID-19*, a *Escala de Avaliação da Flexibilidade e da Coesão Familiar versão IV (FACES-IV)* e o *Walsh Family Resilience Questionnaire (WFRQ)*.

Resultados: Os sujeitos que responderam ao questionário no início da pandemia *COVID-19* percebem o seu funcionamento familiar como mais equilibrado em comparação com os sujeitos que responderam nas restantes fases, percebendo-o como mais desequilibrado. De igual forma, os sujeitos que responderam ao questionário no início da pandemia *COVID-19* também percebem uma maior resiliência familiar em comparação com os sujeitos que responderam nas restantes fases. As mulheres percebem a sua família com um funcionamento mais equilibrado e maior resiliência em comparação com os homens. Relativamente à posição que os elementos ocupam na família, os pais e os filhos apresentam diferentes percepções do funcionamento familiar, sendo que os pais percebem a sua família como sendo mais funcional e mais resiliente comparativamente aos filhos, durante o contexto pandémico.

Conclusão: Os sujeitos em contexto pandémico, na sua generalidade, perceberam as suas famílias como equilibradas na primeira fase da pandemia, no entanto, nas restantes fases da pandemia perceberam-na como desequilibrada. Destaca-se neste estudo que os pais perceberam as suas famílias mais funcionais e resilientes durante o primeiro confinamento, comparativamente com os filhos. No entanto, é possível observar que existe uma diminuição gradual e significativa nas restantes fases da pandemia. Estes dados reforçam a ideia de que os desafios e crises não são tão bem geridos pelo subsistema filial.

Palavras-chave: Funcionamento familiar; Resiliência familiar; Fases da pandemia *COVID-19*; Pais e filhos.

Abstract

Purpose: The *COVID-19* pandemic is an accidental crisis with a significant impact on the functioning of families. The main objective of this investigation was to analyze the perception that parents and children have of family functioning and resilience in the *COVID-19* pandemic and to study the correlation between these variables.

Methodology: Participated in this investigation, 1768 subjects, aged between 12 and 83 years old. The protocol included the *sociodemographic questionnaire and complementary data about COVID-19 situation*, the *Adaptability and Family Cohesion Assessment Scale (FACES-IV)* and the *Walsh Family Resilience Questionnaire (WFRQ)*.

Results: The subjects who answered the questionnaire at the beginning of the *COVID-19* pandemic perceived their family functioning as more balanced compared to the subjects who answered in the remaining phases, perceiving it as more unbalanced. Likewise, subjects who responded to the questionnaire at the beginning of the *COVID-19* pandemic also perceived greater family resilience compared to subjects who responded in the remaining phases. Women perceive their family as functioning more balanced and more resilient compared to men. Regarding the position that the elements occupy in the family, parents and children have different perceptions of family functioning, with parents perceiving their family as being more functional and more resilient compared to their children, during the pandemic context.

Conclusion: Subjects in a pandemic context, in general, perceived their families as balanced in the first phase of the pandemic, however, in the remaining phases of the pandemic they perceived it as unbalanced. It is noteworthy in this study that parents perceived their families to be more functional and resilient during the first confinement, compared to their children. However, it is possible to observe that there is a gradual and significant decrease in the remaining phases of the pandemic. These data reinforce the idea that challenges and crises are not so well managed by the branch subsystem.

Keywords: Family functioning; Family resilience; Phases of the *COVID-19* pandemic; Parents and sons.

“Não podemos querer que as coisas mudem, se fazemos sempre o mesmo. A crise é a maior bênção que pode acontecer nas pessoas e aos países, porque a crise traz progressos. A criatividade nasce da angústia assim como o dia nasce da noite escura. É na crise que nascem os inventos, os descobrimentos e as grandes estratégias. Quem supera a crise, supera-se a si mesmo, sem ter sido superado.

Quem atribui à crise os seus fracassos e penúrias, violenta o seu próprio talento e respeita mais os problemas que as soluções. A verdadeira crise, é a crise da incompetência. O inconveniente das pessoas e dos países é a dificuldade para encontrar as saídas e as soluções. Sem crises, não há desafios. Sem desafios, a vida é uma rotina, uma lenta agonia.

Sem crises, não há méritos. É na crise que aflora o melhor de cada um, porque sem crise, todo o vento é uma carícia. Falar da crise é promover-la, e calar-se na crise é exaltar o conformismo. Em vez disto, trabalhemos duro. Acabemos de uma vez com a única crise ameaçadora, que é a estratégia de não querer lutar para superá-la.”

Albert Einstein

Índice

Introdução	1
Materiais e Métodos	8
Objetivos	8
Tipo de estudo.....	8
Participantes.....	9
Procedimentos.....	12
Instrumentos.....	12
Resultados	18
Discussão dos Resultados	32
Conclusões	38
Referências Bibliográficas	40

Índice Apêndices

- Apêndice A** - Subescalas equilibradas da *FACES-IV*, posição na família (pais e filhos) e fases *COVID-19*
- Apêndice B** - Subescalas desequilibradas da *FACES-IV*, posição na família (pais e filhos) e fases *COVID-19*
- Apêndice C** - Comunicação e Satisfação, posição na família (pais e filhos) e fases *COVID-19*
- Apêndice D** - Subescalas da *FACES-IV* e grau de preocupação individual face à *COVID-19*
- Apêndice E** - Comunicação e Satisfação e grau de preocupação individual face à *COVID-19*
- Apêndice F** - Dimensões da *WFRQ*, posição na família (pais e filhos) e fases *COVID-19*
- Apêndice G** - Dimensões da *WFRQ* e grau de preocupação individual face à *COVID-19*
- Apêndice H** – Média dos percentis de estudos em contextos não *COVID-19* (ano de 2015), do estudo de Silva (2021) em contexto de pandemia *COVID-19* e estudo atual
- Apêndice I** – Média dos resultados da *FACES-IV* de uma amostra longitudinal em contexto de pandemia *COVID-19*
- Apêndice J** – Média dos resultados da *WFRQ* de uma amostra longitudinal em contexto de pandemia *COVID-19*

Introdução

Esta investigação tem como objetivo estudar o funcionamento e resiliência familiar, na pandemia *COVID-19*, em distintas fases e em função da posição familiar, especificamente, entre pais e filhos.

A *COVID-19* é a doença provocada pelo vírus SARS-COV-2 (Organização Mundial de Saúde, 2020). Os primeiros casos de *COVID-19* registaram-se em Portugal a 2 de março de 2020 (Jornal de Notícias, 2020). Tendo sido, nesta altura, implementadas as primeiras medidas sanitárias, tais como, o uso obrigatório de máscara e equipamento de proteção individual, o isolamento e o afastamento social. Verificando-se o crescimento exponencial da doença, no dia 18 de março de 2020, o Governo Português declarou estado de emergência em todo país com cumprimento de quarentena obrigatória no domicílio (Decreto-lei nº 55/2020; TSF, 2020).

Ao longo da pandemia, foram-se experienciando várias fases da *COVID-19*, passando o país por dois períodos de confinamento, intercalados por fases de alívio das restrições e das medidas sanitárias. O primeiro confinamento decorreu entre o dia 22 de março de 2020 e o dia 02 de maio de 2020, seguindo-se o pós-confinamento entre as datas 03 de maio de 2020 a 17 de janeiro de 2021. Após um aumento dos casos de infeções diárias e um maior número de mortes registadas, a 18 de janeiro de 2021 é decretado o estado de emergência, que se traduziu no segundo confinamento ocorrido em Portugal. Esta fase da pandemia culminou a 14 de março de 2021 e, depois desta data até à atualidade, os portugueses não voltaram a passar por mais nenhum período de confinamento.

A pandemia *COVID-19* provocou uma crise no bem-estar das famílias, alterando as suas rotinas e dinâmicas familiares), resultantes dos desafios que se impuseram, como por exemplo, a instabilidade financeira, a sobrecarga e o *stress* (Silva, et al., 2020; Prime et al., 2020).

O *stress* familiar pode ser esquematizado em dois eixos (McGoldrick et al., 2014). O eixo vertical representa as influências de marcos históricos na família e que integram o funcionamento familiar como, por exemplo, influência de fatores genéticos, cultura ou religião. O eixo horizontal representa o funcionamento familiar ao longo do tempo, onde se enquadram as estratégias de *coping* utilizadas em contextos de mudança e transição no ciclo familiar como, por exemplo, o *stress* desenvolvimental normativo e/ou eventos inesperados que ameaçam o equilíbrio familiar (McGoldrick et al., 2014). Este esquema

permite equacionar a hipótese de que, ao surgir uma inesperada e imprevisível fonte de *stress* do tipo horizontal (como a pandemia *COVID-19*) numa família em que o eixo vertical se encontra sob grande pressão, esta interseção dos eixos confirma uma perturbação no funcionamento familiar, com elevados níveis de ansiedade, comprovando a necessidade de avaliar o seu impacto no funcionamento familiar (McGoldrick et al., 2014).

Segundo Sequeira (2017), existem dois tipos de crises: 1) as crises normativas, que são expectáveis ou previsíveis; 2) e as crises acidentais, que não são possíveis de prever e estão associadas ao *stress* particular, como é o caso da pandemia *COVID-19*. As crises desencadeiam mudanças familiares, para que se encontrem outras formas de funcionamento. Num período de desequilíbrio, os sistemas mudam para encontrar outro tipo de equilíbrio, ou seja, uma família em crise está sempre predisposta a mudar.

A Teoria das Estruturas Dissipativas, desenvolvida por Ilya Prigogin, mostra que em processos irreversíveis ocorre a criação de ordem longe do equilíbrio termodinâmico. Fenómenos caóticos ou irreversíveis não se reduzem a um aumento de "desordem", pelo contrário, têm um importante papel construtivo (Carvalho, 2015). Esta teoria explica a forma como os sistemas químicos mudam quando estão afastados do equilíbrio e o mesmo se aplica em psicologia, no que diz respeito às mudanças nos sistemas em situações de *stress*.

Existem dois tipos de mudança: 1) mudança de tipo I, que ocorre normalmente em situações de emergência. Caracteriza-se por superficial e quantitativa. Contudo, se houver um acontecimento que ameace a organização da família, esta pode não "sobreviver"; e a mudança de tipo II, que deve resultar de um contexto de crise. Caracteriza-se por ser qualitativa, irreversível, imprevisível e estrutural. Isto é, ameaça o funcionamento da família. Quando há uma crise, como a crise pandémica, as famílias tentam desenvolver mudanças de tipo II pois, caso permaneçam nas tentativas de mudanças de tipo I, tendem a tornar-se famílias problemáticas e disfuncionais (Sequeira, 2017).

Segundo Minuchin et al. (1999), "a família é um todo interdependente, em que os subsistemas se relacionam e se influenciam reciprocamente" e, por isso, são expectáveis impactos substanciais na família no contexto da pandemia *COVID-19*. Nesse sentido, adquire particular relevância estudar a perceção de funcionamento familiar durante o período pandémico, recorrendo a modelos conceptuais próprios da psicologia da família, como o Modelo Circumplexo de Sistemas Conjugais e Familiares que concebe o

funcionamento familiar em duas dimensões fundamentais - coesão e flexibilidade (Olson,1986).

A coesão é definida como a ligação emocional, suporte, limites familiares, tempo despendido, amizades dentro e fora do sistema familiar, interesse e recreação e o nível de autonomia de cada elemento da família (Maynard & Olson, 1987; Olson, 1986).

Segundo Olson (2000) os níveis extremos de coesão revelam excesso de separação (desmembrada) ou proximidade (emaranhada) familiar e podem ser problemáticos. Famílias “desmembradas”, caracterizam-se por limites rígidos no interior e difusos com o exterior, diminuindo os laços afetivos entre os elementos da família. Famílias “emaranhadas”, caracterizam-se pelo oposto, apresentando níveis excessivos de coesão, onde há limites difusos no interior e limites rígidos com o exterior; este tipo de famílias não promovem a autonomia dos seus elementos. Apesar disto, os níveis intermédios de coesão (separada e ligada) são indicadores de equilíbrio familiar (Olson, 2000).

A flexibilidade refere-se à capacidade de a família efetuar mudanças ao nível familiar, e à capacidade de mudar regras e papéis face a situações de *stress* situacional ou desenvolvimental (Olson, 1986).

A flexibilidade pode ser classificada em quatro níveis, dois deles extremos (rígida e caótica) e outros dois intermédios (estruturada e flexível) (Olson, 2000). Os níveis extremos de flexibilidade são problemáticos para o desenvolvimento individual e relacional, uma vez que a família tende a ser demasiado estável/rígida ou experienciar excesso de mudanças e falta de rotinas e previsibilidade (Olson, 2000). Já os níveis intermédios são considerados indicadores de uma flexibilidade ajustada (Olson, 2000).

De acordo com Olson (2011), a comunicação é considerada uma dimensão facilitadora entre a coesão e a flexibilidade no funcionamento familiar e, por este motivo, não se encontra no Modelo Circumplexo, juntamente com as outras dimensões. A comunicação organiza a proximidade e a promoção de mudanças na coesão e na adaptabilidade, referindo-se à capacidade de escuta, à autorrevelação, ao diálogo e à clareza e respeito pelos vários elementos da família (Olson, 2000).

Segundo Olson (2000), famílias equilibradas tendem a ter uma boa capacidade de comunicação e famílias desequilibradas apresentam défice comunicacional. As duas dimensões de coesão e flexibilidade têm uma relação curvilínea com o funcionamento familiar saudável (Maynard & Olson, 1987), assim sendo, famílias que pontuem muito alto ou muito baixo na coesão/flexibilidade, são consideradas como famílias disfuncionais.

Num estudo realizado por Anjos (2017), as famílias equilibradas apresentam altos níveis de funcionalidade e baixos níveis de disfuncionalidade e estes indicadores predizem que, provavelmente, este tipo de famílias tenha uma maior capacidade para lidar com o *stress* e promover mudanças, associadas aos desafios do ciclo vital da família.

A satisfação caracteriza-se pela forma como cada elemento se sente relativamente ao funcionamento da família, no geral (Olson, 2000).

Everri et al. (2016), realizou um estudo que avaliou a percepção dos adolescentes italianos sobre o funcionamento familiar, de acordo com o Modelo Circumplexo de Olson. Os resultados concluíram que a rigidez pode associar-se a famílias equilibradas ou desequilibradas (Everri et al., 2016). Nas famílias equilibradas a rigidez mostrou-se como adaptativa, estando associada à coesão equilibrada, à flexibilidade equilibrada e à satisfação familiar (Everri et al., 2016). Nas famílias desequilibradas a rigidez associa-se a um funcionamento desmembrado, baixa coesão, baixa flexibilidade familiar e pouca satisfação familiar (Everri et al., 2016).

Um estudo realizado por Almeida (2014), constata a relação entre a percepção dos adolescentes e dos pais sobre o tipo de funcionamento familiar e o autoconceito dos filhos adolescentes; concluindo que os adolescentes percecionaram o funcionamento familiar de uma forma mais negativa do que os pais.

Cerveira (2015), concluiu que os filhos percecionaram as suas famílias como mais desmembradas e os pais percecionaram-nas como mais coesas, flexíveis, emaranhadas, com melhor comunicação.

Na etapa do ciclo vital “famílias com filhos adolescentes” ocorrem desafios e mudanças característicos desta etapa (Alarcão, 2002; McGoldrick et al., 2014; Olson et al., 1989). As alterações rápidas e bruscas no corpo, a própria identificação transferida da família para o grupo de pares, assim como a procura de independência face à família constituem as tarefas mais críticas (Alarcão, 2002; Olson et al., 1989). Para os pais, os principais desafios são a criação e manutenção de um sistema executivo forte, capaz de impor limites e negociar regras com os filhos e de metacomunicar, não somente na criação de regras, mas também sobre dificuldades e medos. Implica ainda a passagem de figuras de vinculação ativas para figuras na reserva e a gestão do poder e do conflito, uma maior abertura ao exterior, negociada no contexto triangular escola-adolescente-família (Alarcão, 2002; McGoldrick et al., 2014).

Em famílias com filhos adolescentes tem-se verifica-se uma acentuada diminuição da coesão e flexibilidade percecionados pelos membros da família, sendo que esta

diminuição é ainda mais notória quando considerada a percepção que os adolescentes têm das suas famílias (Olson et al., 1989), ou seja, existe uma discrepância vincada entre a percepção dos pais e dos filhos adolescentes (Lopes, 2020; Silva, 2021).

Num estudo realizado por Lopes (2020), concluiu-se que os adolescentes percecionam níveis mais baixos de coesão e flexibilidade equilibradas e uma comunicação mais deficitária durante a crise pandémica. Estes resultados corroboram os resultados já obtidos por Hussong et al., (2020), que identificaram um decréscimo na percepção de satisfação familiar, qualidade da relação parento-filial, comunicação aberta e funcionamento familiar, por parte dos elementos do subsistema filial em contexto de pandemia.

O nível de *stress* intrafamiliar é normativamente mais alto nesta etapa do ciclo vital, sendo que a discrepância percetiva acima mencionada constitui uma das principais razões para tal fenómeno à qual acresce a situação pandémica com impactos substâncias nas dinâmicas familiares e no adiamento das tarefas normativas desta fase (Olson et al., 1989).

Segundo Olson et al. (1989), as principais fontes de *stress* com filhos adolescentes são a tensão intrafamiliar, associadas às mudanças e ajustes em curso, e dificuldades/tensões financeiras e profissionais. As principais fontes de *stress* identificadas diferem de pais para filhos, sendo que os pais identificam, mais frequentemente, a situação financeira e tensões familiares, ao passo que os adolescentes salientam a capacidade de lidar com a família no dia a dia, a utilização de substâncias psicoativas e o início da atividade sexual (Olson et al., 1989). As famílias equilibradas apresentam maiores níveis de satisfação e mais baixos níveis de *stress* na etapa do ciclo vital “famílias com filhos adolescentes” e são mais capazes de recrutar recursos conjugais e familiares para gerir os desafios (Olson et al., 1989).

Segundo Alarcão (2002), em tempos de crise, a flexibilidade familiar assume um papel de extrema importância, visto haver introdução de informação nova interna/externa ao sistema familiar que questiona o seu equilíbrio, requerendo que este opere transformações para atingir um novo equilíbrio. Assim, tendo em conta o surgimento e manutenção desta crise pandémica durante vários meses, o impacto nas famílias e nos adolescentes descrito na literatura, nomeadamente o cumprimento de quarentenas que modificaram rotinas e desafiaram os membros da família na prossecução das suas atividades profissionais e académicas em contexto domiciliar, num espaço partilhado, com limitação dos contactos com o exterior e das atividades com membros fora do

sistema familiar, constituem fontes de *stress* substanciais e potenciais desafios ao funcionamento familiar.

Segundo Olson et al. (1989), os adolescentes percebem as suas famílias de uma forma mais negativa, o que se concretiza numa satisfação baixa em comparação com a dos pais; uma das razões que pode explicar esta percepção mais negativa seria a necessidade de maior independência, maior distanciamento familiar, diminuição da comunicação positiva, gerada por conflitos, e situações que requerem maior autonomia (Olson et al., 1989).

Estudos não pandémicos comprovam que os pais tendem a perceber as suas famílias como mais equilibradas e “estruturalmente separadas” e os adolescentes percebem as suas famílias como menos equilibradas e “rigidamente emaranhadas” (Olson, 1986; Olson et al., 1989).

Perante uma situação de crise como é exemplo a pandemia *COVID-19*, é também importante perceber que recursos, forças e capacidades, tem a família para se ajustar neste contexto de crise (Henry et al., 2015; Walsh, 2003).

A palavra “resiliência” tem origem etimológica em latim *resiliens*, que significa retornar a um estado anterior (Brandão et al., 2011). Na Psicologia, a resiliência refere-se aos processos que explicam a capacidade de adaptação do ser humano, a promoção de mudanças, a superação de crises e acontecimentos de vida adversos de forma positiva e evolutiva (Brandão et al., 2011).

A pandemia *COVID-19* apresentou-se como um evento stressante nas famílias, intensificando a vulnerabilidade da família exigindo um processo de reorganização e resiliência. Os processos-chave da resiliência familiar são descritos por Walsh (2006): 1) Sistema de Crenças; 2) Padrões Organizacionais e 3) Comunicação e Resolução de Problemas.

A primeira dimensão – *Sistema de Crenças* – refere-se às perspetivas e aos significados que a família desenvolve em situações de crise e que afetam as soluções adotadas (Walsh, 2006). A segunda dimensão – *Padrões Organizacionais* – diz respeito à abertura, à mudança, à flexibilidade, à conectividade e à identificação/utilização dos recursos na crise (Walsh, 2006). A terceira e última dimensão – *Comunicação e Resolução de Problemas* – implica a comunicação nas famílias, a transmissão das crenças, a expressão emocional e as estratégias de resolução de problemas (Walsh, 2006). Esta dimensão implica a aceitação das diferenças entre os elementos, o incentivo da liberdade e a expressão de emoções (Walsh, 2006).

A literatura mostra que famílias que conseguem manter a proximidade e coesão, apesar da existência de eventos adversos, e que procuram suporte social mostram-se mais resilientes do que famílias sem estas características, no contexto da pandemia *COVID-19* (Prime et al., 2020).

Segundo Sequeira (2020), os resultados do estudo do 1º período da crise pandémica, evidenciam uma perceção de resiliência familiar elevada, no geral, especificamente na forma como a família perspetiva a crise como uma oportunidade – *Sistemas de Crenças*. Nas dimensões, *Padrões Organizacionais* e *Comunicação e Resolução de Problemas*, a perceção de resiliência é também alta (Sequeira, 2020). O estudo realizado, conclui, ainda, que as "famílias ajustaram o seu funcionamento familiar face à crise, com coesão e flexibilidade, mantendo prioridades e rotinas" (Sequeira, 2020).

Os jovens em contexto de pandemia apresentam vulnerabilidades particulares, pois frequentemente têm conhecimentos limitados acerca do assunto e estratégias de *coping* igualmente limitadas, não conseguindo escapar à ameaça física e psíquica que a pandemia implicou - maiores dificuldades em comunicar os seus sentimentos, comparativamente com os adultos (Imran et al., 2020). Tendo em conta o distanciamento social implementado durante a pandemia, os adolescentes podem sentir-se frustrados, nervosos, algo desconectados e aborrecidos, causando *stress* e ansiedade no jovem (Imran et al., 2020).

Conclui-se que a crise pandémica constitui um desafio significativo para as famílias com filhos adolescentes, desafio que acresce às tarefas normativas complexas que esta etapa já integra. A crise pandémica acentua as discrepâncias na perceção de coesão, flexibilidade e satisfação entre pais e filhos e força a promoção de processos de resiliência, que parecem ser mais difíceis de gerar, perante a situação contextual adversa que a *COVID-19* veio colocar.

A presente investigação pretende analisar o funcionamento e resiliência familiar, em distintas fases da pandemia *COVID-19*, em Portugal, e em função da posição familiar, em particular na perspetiva dos pais e dos filhos.

Materiais e Métodos

Objetivos

Este estudo tem como objetivo estudar o funcionamento e resiliência familiar entre pais e filhos na pandemia *COVID-19* em distintas fases da pandemia.

Definiram-se como objetivos específicos:

- 1) Conhecer a percepção do funcionamento familiar dos participantes nas diferentes fases da pandemia *COVID-19*;
- 2) Analisar as percepções do funcionamento e resiliência familiar em função das variáveis sociodemográficas (e.g. idade, sexo);
- 3) Estudar a percepção do funcionamento e da resiliência familiar em distintas posições familiares - entre pais e filhos.

Tipo de estudo

É um estudo quantitativo, correlacional, de natureza transversal (considerando que são analisados distintas fases da pandemia, mas não com a mesma população) (Sousa et al., 2007). Para análise estatística dos dados recorreu-se ao programa informático *Statistical Package for the Social Sciences (SPSS)*, versão 23 para *Windows*. Os procedimentos estatísticos foram definidos de acordo com os objetivos e com o tipo de variáveis em causa.

Em primeiro lugar, procedeu-se à análise descritiva dos dados, incidindo sobre as frequências absoluta (n) e relativa (%) para as variáveis qualitativas, sobre a média (M), o desvio-padrão (DP) e os valores mínimo e máximo para as variáveis quantitativas.

Os resultados obtidos, através do teste da normalidade de *Kolmogorov-Smirnov*, indicaram uma distribuição não normal das variáveis ($p \leq 0,05$). Assim sendo foram tidos em atenção os critérios de Kim (2013) para amostras superiores a 300 participantes, sendo que valores absolutos de curtose superiores a 7 e de assimetria superiores a 2 indicam não-normalidade substancial. Posto isto, os valores observados sobre a simetria (“si”) e a curtose (“cu”), indicaram uma distribuição normal para as subescalas da *FACES-IV* (“*Coesão Equilibrada*”: si = -0,145; cu = 0,449; “*Flexibilidade Equilibrada*”: si = 0,008; cu = - 1,039; “*Desmembrada*”: si = - 0,022; cu = -1, 251; “*Emaranhada*”: si = 0,029; cu = -0,549; “*Rígida*”: si = 0,341; cu = 0,719 “*Caótica*”: si = - 0,099; cu = - 0,566; “*Comunicação*”: si = -0,644; cu = 0,553; “*Satisfação*”: si = -0,395; cu = 0,140) e para as dimensões da *WFRQ* (“*Sistema de Crenças*”: si = -0,937; cu = 0,850; “*Padrões*

Organizacionais”: $si = -0,919$; $cu = 0,987$; “*Comunicação e Resolução de Problemas*”: $si = -0,457$, $cu = 0,391$). Desta forma, optou-se pela utilização da estatística paramétrica: *Teste T de Student* para Dados Independentes para comparar duas variáveis e *Teste ANOVA* para comparar três ou mais variáveis (Laureano, 2013).

Participantes

Participaram neste estudo 1768 sujeitos.

A nacionalidade dos participantes é maioritariamente portuguesa ($n = 1645$; 93%).

Dos 1768 sujeitos, 487 são do sexo masculino (27,5%) e 1281 do sexo feminino (72,5%), sendo que 793 (44,9%) têm idades compreendidas entre os 30 e os 65 anos.

No que se refere ao estado civil, podemos observar que 873 participantes são solteiros(as) (49,4%), 529 são casados(as) (29,9%), 147 estão numa união de facto (8,3%) e 90 são divorciados(as) (5,1%). São trabalhadores por conta de outrem 771 participantes (43,6%), por conta própria 143 participantes (8,1%), estudantes 592 participantes (33,5%) e trabalhador(a)/ estudante 102 participantes (5,8%).

Dos 1768 participantes, 574 (32,5%) concluíram o ensino secundário, 608 (34,4%) são licenciados, 236 (13,3%) têm um mestrado e 37 (2,1%) doutoramento.

Na Tabela 1, podemos observar a caracterização sociodemográfica dos participantes.

Tabela 1*Caracterização sociodemográfica dos participantes (N = 1768)*

Variável	N	%	M	DP
Nacionalidade				
Portuguesa	1645	93		
Brasileira	75	4,2		
Espanhola	30	1,7	1,15	0,69
Angolana	11	0,6		
Outra	7	0,6		
Sexo				
Masculino	487	27,5		
Feminino	1281	72,5	1,72	0,44
Idade				
Adolescentes (12-18)	164	9,3		
Jovens adultos (19-29)	752	42,5		
Adultos (30-65)	793	44,9	33,1	14,54
Séniore (≥ 66)	59	3,3		
Estado Civil				
Solteiro(a)	873	49,4		
Casado(a)	529	29,9		
Em união de facto	147	8,3		
Divorciado(a)	90	5,1	7,08	21,69
Recasado(a) / Nova união de facto	16	0,9		
Viúvo(a)	20	1,1		
N.A.	93	5,3		
Situação Profissional				
Trabalhador(a) por contra de outrem	771	43,6		
Trabalhador(a) por contra própria	143	8,1		
Estudante	592	33,5		
Trabalhador(a) – Estudante	102	5,8	2,40	1,58
Desempregado(a) com subsídio de desemprego	27	1,5		
Desempregado(a) sem subsídio de desemprego	72	4,1		
Reformado(a)	61	3,5		
Habilitações Literárias				
Sabe ler e escrever (sem possuir grau de ensino)	4	0,2		
1º Ciclo de Ensino Básico	16	0,9		
2º Ciclo de Ensino Básico	62	3,5		
3º Ciclo de Ensino Básico	231	13,1		
Ensino Secundário	574	32,5	4,44	1,12
Licenciatura	608	34,4		
Mestrado	236	13,3		
Doutoramento	37	2,1		

Nota. N = amostra total; n = n.º de participantes; % = percentagem de participantes; M = média; DP = desvio padrão.

De acordo com a Tabela 2, quanto ao meio de residência, 879 vivem na cidade (49,7%), 469 vivem na aldeia (26,5%) e 420 vivem numa vila (23,8%). Ao nível dos rendimentos, 62 dos participantes (3,5%) tem rendimentos até 500€, 324 participantes (18,3%) identificam rendimentos familiares entre 500€ e 1000€, 755 (42,7%) têm rendimentos entre 1000€ e 2000€ e 399 (22,6%) apresentam rendimentos entre 2000€ e 3000€.

Tabela 2*Caracterização familiar (N = 1768)*

Variável	N	%	M	DP
Meio de Residência				
Cidade	879	49,7	1,77	0,84
Aldeia	469	26,5		
Vila	420	23,8		
Rendimentos				
Até 500€	62	3,5	3,22	0,99
Entre 500€ e 1000€	324	18,3		
Entre 1000€ e 2000€	755	42,7		
Entre 2000€ e 3000€	399	22,6		
Mais de 3000€	216	12,2		
N.R.	12	0,7		
Tipologia Familiar				
Família nuclear intacta	976	55,2	2,12	1,08
Família nuclear alargada	182	10,3		
Família monoparental	210	11,9		
Família reconstituída	35	2		
Casal sem filhos	238	13,5		
Agregado unipessoal	127	7,2		
Posição na família^a				
Filhos	799	45,2	2,58	0,82
Pais	608	34,4		
Casal	243	13,7		
Individual	104	5,9		
Outro ^b	16	0,9		
Número de filhos				
0 filhos	581	32,8	1,54	0,67
1 filho	650	36,7		
2 filhos/irmãos	451	25,5		
3 filhos/irmãos	72	4,1		
+ 3 filhos/irmãos	16	0,9		
Etapa do ciclo vital				
Formação do casal	184	10,4	4,26	1,53
Família com filhos pequenos	95	5,4		
Família com filhos na escola	151	8,5		
Família com filhos adolescentes	251	14,2		
Família com filhos adultos	924	52,2		
Ninho vazio	65	3,7		
Agregado unipessoal	100	5,6		

Nota. ^a = posição que o sujeito inquirido ocupa na família; ^b = *sobrinho(a)/neto(a)/afilhado(a)*; N = amostra total; n = n° de participantes; % = percentagem de participantes; M = média; DP = desvio padrão.

Constatamos que a tipologia familiar mais frequente é família nuclear intacta ($n = 976$; 55,1%), seguindo-se casal sem filhos ($n = 238$; 13,4%). Responderam a este estudo 799 filhos (45,1%) e 608 pais (34,4%). Podemos também observar que 650 participantes têm um filho ou um irmão (36,7%) e 581 participantes não tem filho(s), nem irmão(s) (32,8%). Relativamente à etapa do ciclo vital, 924 famílias estão na etapa de famílias com filhos adultos (52,2%) e 251 na etapa de famílias com filhos adolescentes (14,2%).

Procedimentos

O presente estudo integra um projeto de investigação mais abrangente intitulado “Funcionamento Familiar e Resiliência em Contexto de Pandemia *COVID-19*”, realizado por uma equipa de investigadores do Instituto Superior Miguel Torga, em Coimbra.

Os dados foram recolhidos através da plataforma do *Google Forms*, tendo o estudo sido divulgado nas redes sociais, *Facebook*, *Instagram*, *Messenger* e *WhatsApp*. Foi partilhado um *link* de acesso ao questionário onde eram apresentados os objetivos da investigação, o consentimento informado, esclarecendo a participação confidencial e voluntária. A resposta ao questionário e aos instrumentos demorou entre 15 a 20 minutos.

O processo de recolha de dados foi realizado durante o período de dezembro de 2020 e junho de 2021.

Foram definidos como critérios de inclusão ter idade igual ou superior a 12 anos. Aos participantes com menos de 18 anos foi solicitado o consentimento dos pais/representantes legais.

Instrumentos

O protocolo de investigação é composto por um questionário sociodemográfico de dados complementares e avaliação da situação *COVID-19* e dois questionários de auto-resposta: *FACES-IV* (*Escala de Avaliação da Adaptabilidade e Coesão Familiar*) (Sequeira et al., 2021) e *WFRQ* (*Walsh Family Resilience Questionnaire*) (Walsh, 2015).

1. Questionário sociodemográfico de dados complementares e avaliação da situação COVID-19

Este questionário avalia variáveis sociodemográficas de cada participante (e.g., idade, sexo, estado civil, habilitações literárias, situação profissional e meio de residência), bem como a composição do contexto familiar de cada participante (e.g., constituição do agregado familiar atual, número de filhos, rendimento médio mensal da família) e dimensões relativas à situação *COVID-19*.

2. Family Adaptability and Cohesion Evaluation Scale

A *FACES-IV* é um instrumento de avaliação que foi desenvolvido por Olson, Gorall e Tiesel, em 2004, partindo do Modelo Circumplexo proposto por Olson, que apresenta como principal objetivo a avaliação da perceção do funcionamento familiar em duas dimensões: coesão e flexibilidade (Olson, 2011).

Foi aplicada a versão traduzida e validada para Portugal por Sequeira, Cerveira, Moreira, Neves, Silva, Espírito-Santo, Guadalupe e Vicente em 2015 (Sequeira et al., 2015).

A escala é constituída por seis subescalas, entre as quais: duas escalas equilibradas (coesão e flexibilidade), que já constavam nas versões anteriores do instrumento, e quatro novas subescalas desequilibradas (emaranhada e desmembrada, no que se refere à coesão; e caótica e rígida, no que se refere à flexibilidade). Inclui, ainda, duas outras subescalas que pretendem avaliar a satisfação e a comunicação familiares (Olson, 2011). Na Tabela 3, estão descritas as subescalas e os respetivos itens.

Tabela 3

Subescalas da FACES-IV – distribuição dos itens

Subescalas	Itens	Nº total de itens
Coesão equilibrada	1,7,13,19,25,31,37	7
Flexibilidade equilibrada	2,8,14,20,26,32,38	7
Desmembrada	3,9,15,21,27,33,39	7
Emaranhada	4,10,16,22,28,34,40	7
Rígida	5,11,17,23,29,35,41	7
Caótica	6,12,18,24,30,36,2	7
Comunicação	43,44,45,46,47,48,50,51,52	10
Satisfação	53,54,55,56,57,58,59,60,61,62	10

A subescala coesão equilibrada refere-se à ligação emocional que os vários elementos da família possuem uns com os outros e ao modo como a família equilibra proximidade-separação (e.g. item 19 – *os elementos da família consultam-se sobre decisões importantes*) (Sequeira et al, 2021).

As subescalas desmembrada e emaranhada, qualificam-se como níveis extremos de coesão que são considerados desequilibrados (e.g. item 21 – *quando há um problema para ser resolvido cada um está por sua conta* e item 22 – *os elementos da família têm pouca necessidade de ter amigos fora da família*) (Sequeira et al, 2021).

A subescala flexibilidade equilibrada refere-se aos indicadores de flexibilidade ajustada (e.g. item 20 – *a minha família é capaz de se ajustar às mudanças quando é necessário*) (Sequeira et al, 2021).

As subescalas rígida e caótica avaliam os níveis extremos de flexibilidade (e.g. item 23 – *a nossa família é extremamente organizada* e item 24 – *é pouco claro quem é responsável pelas tarefas e atividades na nossa família*) (Sequeira et al, 2021).

A subescala comunicação, refere-se à comunicação positiva que é usada entre os membros da família (e.g. item 43 – *na nossa família sentimo-nos satisfeitos com a forma como comunicamos uns com os outros*) (Sequeira et al, 2021).

A subescala satisfação avalia o grau de satisfação que cada elemento da família tem em relação ao seu funcionamento familiar (e.g. item 53 – *o grau de proximidade entre os elementos da família*) (Sequeira et al, 2021).

A *FACES-IV* inclui uma grelha de cotação que está apresentada na *Figura 1*. Para cotar a escala devem-se somar os valores da resposta a cada item, tendo em conta a distribuição dos mesmos (Tabela 4). Os resultados baixos nas subescalas de equilíbrio são indicadores de um funcionamento familiar problemático. As pontuações elevadas traduzem um funcionamento familiar saudável. No que diz respeito às subescalas de desequilíbrio, os resultados baixos indicam um funcionamento familiar saudável e as pontuações baixas um funcionamento familiar disfuncional (Olson, 2011).

Grelha de Cotação da FACES IV							Colocar o valor de cada resposta no número correspondente. Somar na vertical para obter o valor de A, B, C, D, E, F (subescalas da FACES IV). Somar todos os valores das escalas comunicação e satisfação. Somatório de valores da P1. a P.52: 1. Discordo fortemente; 2. Discordo; 3. Não concordo nem discordo; 4. Concordo; 5. Concordo fortemente Somatório de valores da P. 53 a P. 62: 1. Muito descontente; 2. Um tanto descontente; 3. Geralmente satisfeito; 4. Muito satisfeito; 5. Extremamente satisfeito
Coesão e Flexibilidade	1.	2.	3.	4.	5.	6.	
	7.	8.	9.	10.	11.	12.	
	13.	14.	15.	16.	17.	18.	
	19.	20.	21.	22.	23.	24.	
	25.	26.	27.	28.	29.	30.	
	31.	32.	33.	34.	35.	36.	
	37.	38.	39.	40.	41.	42.	
Total	A ____	B ____	C ____	D ____	E ____	F ____	
Comunicação	43.	44.	45.	46.	47.	48.	
	49.	50.	51.	52.			
Satisfação	53.	54.	55.	56.	57.	58.	
	59.	60.	61.	62.			

Figura 1. Grelha de cotação da *FACES-IV* (Olson, 2011)

Em relação à cotação da escala, a seguir ao somatório das subescalas, os resultados brutos (A, B, D, D, E e F) devem ser convertidos em percentis, preenchendo a folha perfil (Anexo 2). Esta folha permite não só uma “perceção geral do funcionamento da família” através da identificação das “dimensões mais saudáveis ou mais problemáticas”, como também enquadrá-la nas 6 tipologias familiares encontradas por Olson e Gorall (2006) (*Figura 2*).

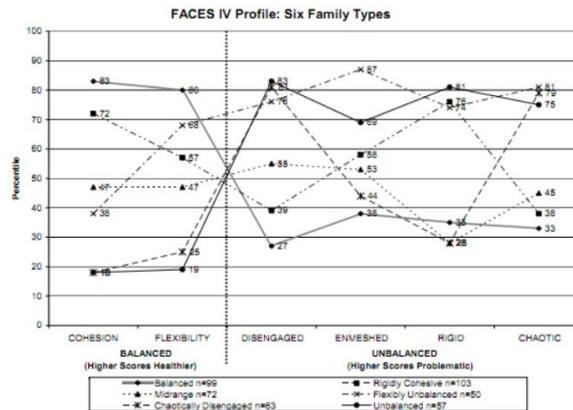


Figura 2. Folha de perfil representativa das 6 tipologias familiares

Segundo Olson & Gorall (2006), os 6 *clusters* ou tipologias familiares descrevem-se da seguinte maneira:

Cluster 1 – Equilibradas ou Balanced: são famílias que apresentam resultados mais altos nas subescalas coesão equilibrada e flexibilidade equilibrada, e mais baixas nas subescalas de desequilíbrio. Famílias com esta tipologia provavelmente irão saber ajustar-se a desafios e lidar com o *stress*, tornando improvável o uso de terapia.

Cluster 2 – Rigidamente Coesa ou Rigidly Cohesive: são famílias caracterizadas por pontuações altas na subescala coesão e coesão rígida. Apresentam pontuações moderadas nas subescalas emaranhada e baixas nas subescalas desmembrada e caótica. Esta tipologia familiar define-se por um grau elevado de proximidade emocional e rigidez. Mesmo que a família tenha um adequado funcionamento devido ao grau de proximidade, esta poderá apresentar dificuldades em promover mudanças devido à sua rigidez estrutural.

Cluster 3 – Médias ou Midrange: esta tipologia familiar caracteriza-se por pontuações moderadas em todas as subescalas, excluindo a subescala rígida que pontua com valores muito elevados ou muito baixos. Em geral, estas famílias caracterizam-se como tendo um funcionamento ajustado, embora possa em alguns momentos, caso se encontre nos extremos (e.g., eventos stressantes) podem apresentar dificuldades no ajustamento.

Cluster 4 – Flexivelmente Desequilibradas ou Flexibly Unbalanced: estas famílias pontuam valores elevados em todas as subescalas, exceto na escala coesão que apresentam valores baixos ou moderados, a combinação destes resultados podem demonstrar um funcionamento problemático da família. Todavia, o facto de estas famílias apresentarem pontuações elevadas na escala Flexibilidade pode significar que conseguem promover mudanças e ajustar-se a eventos adversos.

Cluster 5 - Caoticamente Desmembrada ou Chaotically Disengaged: estas famílias apresentam resultados baixos nas subescalas emaranhada e rígida e altos nas subescalas caótica e desmembrada. Calcula-se que esta tipologia familiar apresente dificuldades ao nível da coesão pela ausência de relações entre os membros e o excesso de flexibilidade.

Cluster 6 – Desequilibradas ou Unbalanced: esta tipologia caracteriza-se por pontuações altas nas escalas desequilibradas e pontuações baixas nas escalas equilibradas, fazendo como que sejam encaradas como o oposto das famílias equilibradas. Estas famílias de todas as mencionadas anteriormente, são as que mais precisam de terapia, visto que apresentam um funcionamento geral problemático.

Na Tabela 4, apresentam-se os valores do *Alfa de Cronbach* obtidos na validação da *FACES-IV* original (Olson, 2011) e na sua validação para a população portuguesa (Sequeira et al, 2021).

Tabela 4

Coefficiente da consistência interna das subescalas da FACES-IV

Subescalas		<i>Alfa de Cronbach</i>	<i>Alfa de Cronbach</i> (Sequeira et al., 2021)	<i>Alfa de Cronbach</i> (Olson, 2011)
Equilibradas	Coesão	0,799	0,77	0,89
	Flexibilidade	0,848	0,64	0,84
Desequilibradas	Desmembrada	0,924	0,74	0,87
	Emaranhada	0,786	0,47	0,77
	Rígida	0,500	0,65	0,82
	Caótica	0,721	0,73	0,86
Comunicação		0,939		
Satisfação		0,946		0,93
Total		0,882		

3. Walsh Family Resilience Questionnaire

A *WFRQ* tem como objetivo avaliar a resiliência familiar, onde são avaliadas três dimensões – o *Sistema de Crenças*, os *Padrões Organizacionais* e a *Comunicação e Resolução de Problemas*.

A escala é constituída por 32 questões do tipo *Likert*, numa escala de 1 a 5, onde (1) raramente/nunca, (2) poucas vezes, (3) às vezes, (4) frequentemente e (5) quase sempre.

Na Tabela 5, estão detalhadas as dimensões que constituem a escala e os respetivos itens.

Tabela 5

Distribuição dos itens pelas respectivas dimensões da escala WFRQ

Dimensões	Itens	Nº total de itens
Sistema de Crenças	1,2,3,4,5,6,7,9,15,16, 17,18,24,25,26,29	16
Padrões Organizacionais	8,10,11,12,13,14,27, 28,30,31	10
Comunicação e Resolução de Problemas	19,20,21,22,23,32	6

O *Sistema de Crenças*, segundo Walsh (2006), é uma força poderosa para a resiliência. As famílias elaboram um sistema de crenças comum que a ajuda e orienta na recuperação quando passam por adversidades. Este sistema de crenças requer a capacidade de dar sentido à adversidade, enfoque positivo aos eventos, e ainda, a transcendência a espiritualidade (e.g. item 3 – *abordamos uma crise como um desafio que conseguimos gerir e superar se partilharmos esforços*) (Walsh, 2006).

Os *Padrões Organizacionais* da família, dizem respeito a uma abertura à mudança, flexibilidade, conetividade e identificação/utilização dos recursos disponíveis (e.g. item 13 – *acreditamos que podemos aprender e fortalecer-nos através dos desafios que enfrentamos*) (Walsh, 2006).

A dimensão *Comunicação e Resolução de Problemas*, implica, uma comunicação saudável, com mensagens claras e a partilha de eventos/sentimentos dolorosos. Esta dimensão comunicacional implica a aceitação das diferenças entre os elementos da família e incentiva a liberdade de expressão emocional (e.g. item 32 – *planeamos e preparamo-nos para o futuro e tentamos prevenir crises*) (Walsh, 2006).

Na Tabela 6, apresentam-se os valores do *Alfa de Cronbach* obtidos em cada dimensão nesta investigação, assim como o *Alfa de Cronbach* da versão italiana.

Tabela 6

Coefficiente da consistência interna das dimensões da WFRQ

Subescalas	<i>Alfa de Cronbach</i>	<i>Alfa de Cronbach (Rocchi et al., 2017)</i>
Sistema de Crenças	0,963	0,928
Padrões Organizacionais	0,931	0,863
Comunicação e Resolução de Problemas	0,806	0,567
Total	0,974	0,946

Resultados

Caracterização da situação familiar – Pandemia COVID-19

Conforme se pode observar na Tabela 7, a maior parte dos sujeitos participaram no estudo entre as datas de 03/05/2020 a 17/01/2021, designada por Fase 2, que corresponde ao período do primeiro pós-confinamento ($n = 1156$; 65,4%). Observando o grau de preocupação individual acerca da COVID-19, verifica-se que 786 participantes (44,5%) percecionam-se como “preocupados” e 449 como “muito preocupados” (25,4%).

Antes da situação pandémica, 825 sujeitos (46,7%) passavam entre 3 a 6 horas com a sua família e, durante a pandemia diminuíram o número de participantes que passavam entre 3 a 6 horas com a sua família ($N = 525$; % = 29,7).

Tabela 7

Situação face à pandemia COVID-19 ($N = 1768$)

Variável	<i>n</i>	%	
Fases COVID-19	Fase 1	326	18,4
	Fase 2	1156	65,4
	Fase 3	141	8
	Fase 4	145	8,2
	Preocupação individual face à COVID-19	Nada preocupado(a)	97
Pouco preocupado(a)		254	14,4
Preocupada		786	44,5
Muito preocupado(a)		449	25,4
Muitíssimo preocupado(a)		182	10,3
Horas passadas em família antes da pandemia COVID-19	< 1 hora	81	4,6
	Entre 1 a 3 horas	456	25,8
	Entre 3 a 6 horas	825	46,7
	Entre 6 a 8 horas	212	12
	Entre 8 a 10 horas	72	4,1
	> 10 horas	122	6,9
Horas passadas em família durante a pandemia COVID-19	< 1 hora	128	7,2
	Entre 1 a 3 horas	288	16,3
	Entre 3 a 6 horas	525	29,7
	Entre 6 a 8 horas	302	17,1
	Entre 8 a 10 horas	172	9,7
	> 10 horas	341	19,3
	N.R.	12	0,7
Situações decorrentes da COVID-19	Infeção	217	12,3
	Internamento	103	5,8
	Crime de desobediência	3	0,2
	Desemprego	129	7,3
	Diminuição de rendimentos	271	15,3
	Morte de amigos e/ou familiares	156	8,8

Nota. N = amostra total; n = nº de participantes; % = percentagem de participantes; M = média; DP = desvio padrão; Fase 1 = 1.º Confinamento (de 22/03/2020 a 02/05/2020); Fase 2 = 1.º Pós-confinamento (de 03/05/2020 a 17/01/2021); Fase 3 = 2.º Confinamento (de 18/01/2021 a 14/03/2021); Fase 4 = 2.º Pós-confinamento (a partir de 15/03/2021).

Perceção do Funcionamento Familiar em Contexto de Pandemia COVID-19

Na Tabela 8, encontram-se os resultados médios obtidos nas subescalas equilibradas da *FACES-IV*. Na subescala *Coesão*, observam-se resultados altos, sendo que os participantes percebem a sua família como algo coesa ($M = 23,99$). Na subescala *Flexibilidade*, os participantes percebem a família como flexível ($M = 21,96$).

Tabela 8

Subescalas equilibradas da FACES-IV (N = 1768)

Subescalas	Nível	n (%)	M	DP	Intervalo
Coesão equilibrada	Algo coesa [10-30]	928 (52,5%)			
	Coesa [35-60]	484 (27,4%)	23,99	5,12	7 – 35
	Muito coesa [65-99]	356 (20,1%)			
Flexibilidade equilibrada	Algo flexível [10-20]	517 (29,2%)			
	Flexível [25-60]	643 (36,4%)	21,96	5,84	7 – 35
	Muito flexível [65-99]	608 (34,4%)			

Nota. N = amostra total; n = nº de participantes; % = percentagem de participantes; M = Média; DP = Desvio Padrão

A Tabela 9, sintetiza os resultados médios obtidos nas subescalas desequilibradas da *FACES-IV* e pode observar-se que as pontuações obtidas são, na generalidade, baixas.

Relativamente à subescala *Desmembrada*, 609 participantes percebem níveis muito baixos de desmembramento (34,4%; $M = 21,34$). Na subescala *Emaranhada*, 624 participantes apresentam pontuações baixas (35,3%; $M = 22,43$). No que respeita à subescala *Rígida* verifica-se que 956 participantes percebem baixos níveis de rigidez na sua família (54,1%; $M = 19,15$). Quanto à subescala *Caótica*, 643 dos participantes percebem níveis muito baixos de funcionamento caótico (36,4%; $M = 18,41$).

Tabela 9

Subescalas desequilibradas da FACES-IV (N = 1768)

Subescalas	Nível	n (%)	M	DP	Intervalo
Desmembrada	Muito baixo [10-26]	609 (34,4%)	21,34	7,29	7 — 35
	Baixo [30-40]	284 (16,1%)			
	Moderado [45-60]	214 (12,1%)			
	Alto [64-75]	401 (22,7%)			
	Muito alto [80-99]	260 (14,7%)			
Emaranhada	Muito baixo [10-26]	215 (12,2%)	22,43	5,20	7 — 35
	Baixo [30-40]	624 (35,3%)			
	Moderado [45-60]	367 (20,8%)			
	Alto [64-75]	406 (23%)			
	Muito alto [80-99]	156 (8,8%)			
Rígida	Muito baixo [10-26]	398 (22,5%)	19,15	3,57	7 — 33
	Baixo [30-40]	956 (54,1%)			
	Moderado [45-60]	327 (18,5%)			
	Alto [64-75]	73 (4,1%)			
	Muito alto [80-99]	14 (0,8%)			
Caótica	Muito baixo [10-26]	643 (36,4%)	18,41	4,82	7 — 33
	Baixo [30-40]	612 (34,6%)			
	Moderado [45-60]	411 (23,2%)			
	Alto [64-75]	93 (5,3%)			
	Muito alto [80-99]	9 (0,5%)			

Nota. N = amostra total; n = n° de participantes; % = percentagem de participantes; M = Média; DP = Desvio Padrão

Observa-se na Tabela 10, que 466 participantes consideram a comunicação como sendo alta nas suas famílias (40,4%; $M = 35,91$) e 377 participantes revelam estar insatisfeitos com a sua família (31,9%; $M = 34,81$).

Tabela 10

Subescalas da comunicação e da satisfação da FACES-IV (N = 1768)

Subescalas	Nível	n (%)	M	DP	Intervalo
Comunicação	Muito baixo [10-20]	166 (14%)	35,91	7,88	10 — 50
	Baixo [21-35]	108 (9,1%)			
	Moderado [36-60]	243 (20,6%)			
	Alto [61-85]	477 (40,4%)			
	Muito alto [86-99]	188 (15,9%)			
Satisfação	Muito baixo [10-20]	277 (23,4%)	34,81	8,02	10 — 50
	Baixo [21-35]	377 (31,9%)			
	Moderado [36-60]	186 (15,7%)			
	Alto [61-85]	219 (18,5%)			
	Muito alto [86-99]	123 (10,4%)			

Nota. N = amostra total; n = n° de participantes; % = percentagem de participantes; M = Média; DP = Desvio Padrão

A Figura 3, representa o cálculo do *Cluster* em que os participantes deste estudo se encontram, obtido através dos percentis médios em cada subescala. Verifica-se que os participantes se enquadram no *Cluster 1: Famílias Equilibradas* (Olson & Gorall, 2006).

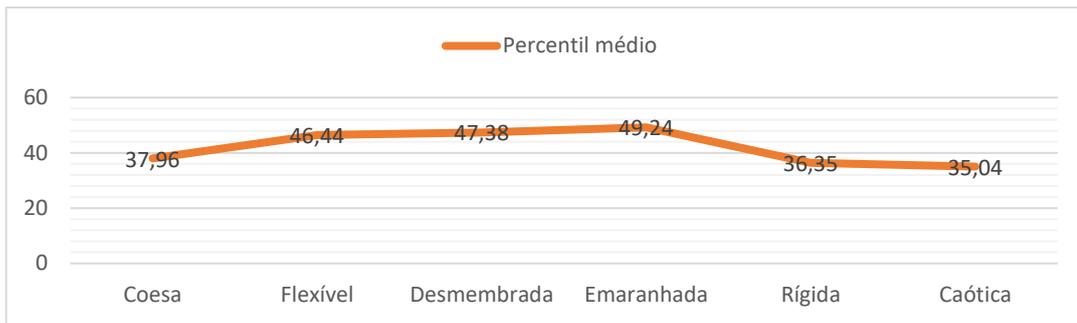


Figura 3. Perfil dos participantes: resultados das subescalas da *FACES-IV*

A Figura 4, representa o cálculo do *Cluster* em que os participantes deste estudo se encontram, obtido através dos percentis médios em cada subescala nas quatro fases *COVID-19*. Verifica-se que os participantes se enquadram no *Cluster 1*: Famílias Equilibradas, durante a Fase 1; no entanto, durante a Fase 2, a Fase 3 e a Fase 4 encontramos famílias pertencentes ao *Cluster 6*: Famílias Desequilibradas (Olson & Gorall, 2006).

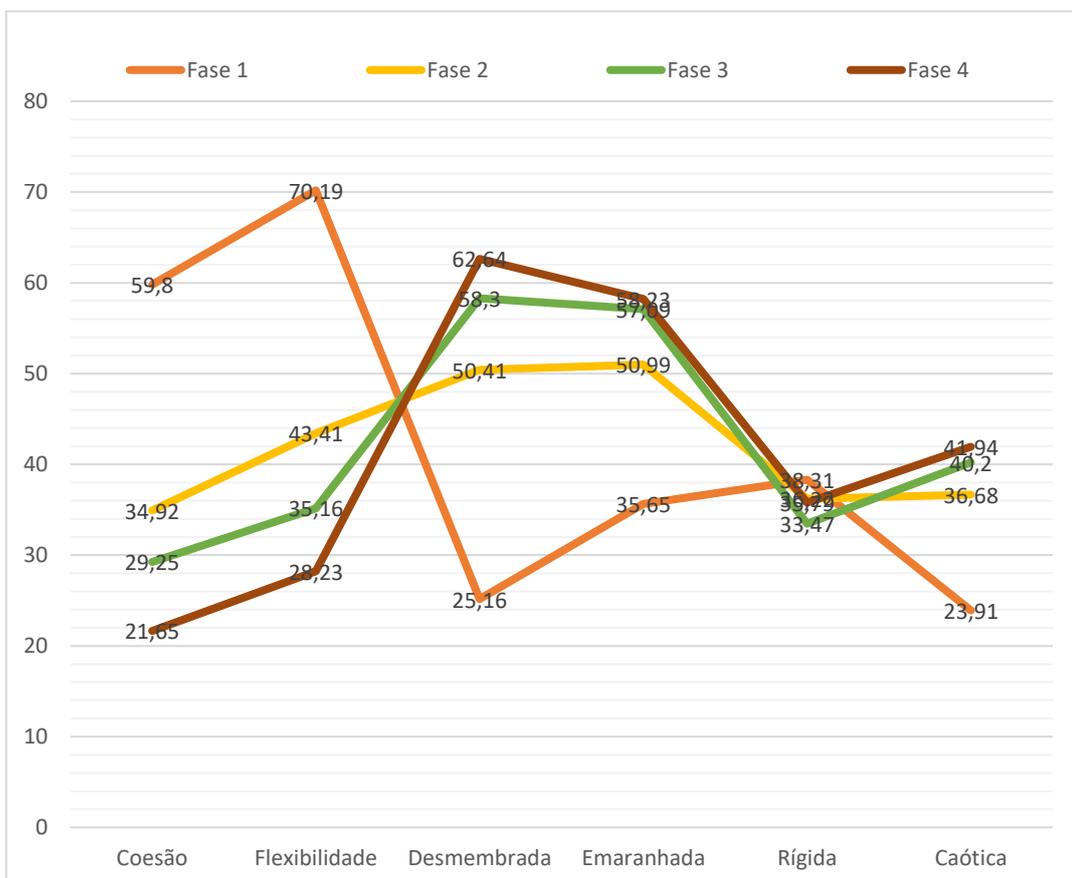


Figura 4. Perfil dos participantes: resultados das subescalas da *FACES-IV* e fases *COVID-19*

A análise das diferenças nas subescalas da *FACES-IV*, em função das variáveis sociodemográficas, evidencia diferenças estatisticamente significativas no funcionamento familiar em função da idade e do sexo (Tabela 11). Nas subescalas *Coesão*, *Flexibilidade*, *Emaranhada*, *Rígida* e *Caótica*, encontram-se diferenças estatisticamente significativas ($p \leq 0,05$). Os Adultos são os que percebem a sua família como sendo mais coesa ($M = 24,85$) e mais flexível ($M = 22,55$).

Em função do sexo, nas subescalas *Coesão*, *Flexibilidade*, *Desmembrada* e *Caótica*, observam-se diferenças estatisticamente significativas ($p \leq 0,05$). As mulheres ($M_{coesão} = 24,32$; $M_{flexibilidade} = 22,20$) percebem a sua família mais equilibrada do que os homens ($M_{coesão} = 23,12$; $M_{flexibilidade} = 21,33$). Os homens apresentam valores mais altos ($M = 18,85$) na subescala *Caótica*, ou seja, estes percebem a sua família como mais caótica em comparação com as mulheres ($M = 18,25$).

Tabela 11

Subescalas da FACES-IV e categorias de idades e sexo (N = 1768)

Categorias de Idades	FACES-IV											
	Subescalas Equilibradas						Subescalas Desequilibradas					
	Coesão		Flexibilidade		Desmembrada		Emaranhada		Rígida		Caótica	
	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP
Adolescentes (n = 164)	23,57	4,90	22,20	5,12	21,14	6,47	22,12	4,49	20,02	3,65	18,87	4,90
Jovens Adultos (n = 752)	23,23	5,04	21,39	5,41	21,73	6,90	22,04	5,15	19,07	3,69	18,68	4,59
Adultos (n = 793)	24,85	5,17	22,55	6,33	20,86	7,80	22,79	5,37	19,00	3,47	18,00	5,07
Séniore (n = 59)	23,17	4,01	20,71	5,51	23,25	6,50	23,54	5,12	19,76	2,75	19,34	3,45
F	14,174***		6,073***		3,270 ^{NS}		3,765*		4,449*		3,942*	
Comparação	1vs2	*	1vs2	-	1vs2	-	1vs2	-	1vs2	**	1vs2	-
múltipla de	1vs3	-	1vs3	-	1vs3	-	1vs3	-	1vs3	*	1vs3	-
médias de	1vs4	-	1vs4	-	1vs4	-	1vs4	-	1vs4	-	1vs4	-
ordens	2vs3	***	2vs3	***	2vs3	-	2vs3	*	2vs3	-	2vs3	*
	2vs4	-	2vs4	-	2vs4	-	2vs4	-	2vs4	-	2vs4	-
	3vs4	-	3vs4	-	3vs4	-	3vs4	-	3vs4	-	3vs4	-
Sexo	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP
Masculino (n = 487)	23,12	4,86	21,33	5,56	21,90	6,68	22,29	5,30	19,39	3,62	18,85	4,84
Feminino (n = 1281)	24,32	5,17	22,20	5,93	21,13	7,50	22,49	5,17	19,06	3,55	18,25	4,80
t	-4,413***		-2,818**		2,001*		-0,716 ^{NS}		1,743 ^{NS}		2,343*	

Nota. N = amostra total; n = nº de participantes; M = Média; DP = Desvio Padrão; F = ANOVA; t = T de Student; FACES-IV = Escala de Avaliação da Adaptabilidade e da Coesão Familiar versão IV; 1 = Adolescentes; 2 = Jovens Adultos; 3 = Adultos; 4 = Séniores; * $p < 0,05$; ** $p < 0,01$; *** $p < 0,001$; ^{NS} = Não significativo

A percepção da *Coesão* e *Flexibilidade equilibradas*, varia de forma estatisticamente significativa ($p \leq 0,05$) em função das diferentes fases da pandemia (Tabela 12).

Os valores mais altos observam-se na Fase 1 - no que se refere à subescala *Coesão* ($M = 27,97$) e à subescala *Flexibilidade* ($M = 26,89$). À *posteriori*, partindo da comparação múltipla de médias de ordens, verificam-se diferenças estatisticamente significativas ($p \leq 0,05$), no que respeita à *Coesão* e à *Flexibilidade* entre: i) a Fase 1 e a Fase 2; ii) a Fase 1 e a Fase 3; iii) a Fase 1 e a Fase 4; iv) a Fase 2 e a Fase 3; e v) a Fase 2 e a Fase 4.

A percepção do funcionamento familiar nas subescalas desequilibradas *Desmembrada*, *Emaranhada*, *Rígida* e *Caótica*, também variou de forma estatisticamente significativa ($p \leq 0,05$) nas diferentes fases da pandemia. Os valores mais altos são: i) na Fase 4, nas subescalas *Desmembrada* ($M = 25,63$), *Emaranhada* ($M = 24,65$) e *Caótica* ($M = 20,80$); e ii) na Fase 1, na subescala *Rígida* ($M = 19,67$). À *posteriori*, partindo da comparação múltipla de médias de ordens, verificam-se diferenças estatisticamente significativas ($p \leq 0,05$), nas subescalas *Desmembrada*, *Emaranhada* e *Caótica* entre: i) a Fase 1 e a Fase 2; ii) a Fase 1 e a Fase 3; iii) a Fase 1 e a Fase 4; iv) a Fase 2 e a Fase 3; e v) a Fase 2 e a Fase 4. Os valores são mais elevados nas duas últimas fases. Quanto à subescala *Rígida*, encontram-se diferenças entre a Fase 1 e a Fase 3, sendo que os valores são mais elevados na primeira fase.

Tabela 12*Subescalas da FACES-IV e fases COVID-19 (N = 1768)*

FACES-IV												
Fases COVID-19	Subescalas Equilibradas				Subescalas Desequilibradas							
	Coesão		Flexibilidade		Desmembrada		Emaranhada		Rígida		Caótica	
	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP
Fase 1 (n = 326)	27,97	3,79	26,89	3,83	15,10	4,16	19,05	3,08	19,67	3,84	14,75	3,68
Fase 2 (n = 1156)	23,50	4,92	21,34	5,70	22,21	7,16	22,86	5,31	19,11	3,56	18,96	4,71
Fase 3 (n = 141)	22,11	5,17	19,57	5,52	24,22	7,22	24,47	4,87	18,35	3,20	19,98	4,83
Fase 4 (n = 145)	20,73	4,10	18,16	4,16	25,63	5,49	24,65	4,98	19,09	3,20	20,80	3,54
F	113,309***		134,672***		133,959***		72,363***		4,718**		98,253***	
Comparação múltipla de médias de ordens	1vs2	***	1vs2	***	1vs2	***	1vs2	***	1vs2	-	1vs2	***
	1vs3	***	1vs3	***	1vs3	***	1vs3	***	1vs3	***	1vs3	***
	1vs4	***	1vs4	***	1vs4	***	1vs4	***	1vs4	-	1vs4	***
	2vs3	**	2vs3	***	2vs3	*	2vs3	***	2vs3	-	2vs3	*
	2vs4	***	2vs4	***	2vs4	***	2vs4	***	2vs4	-	2vs4	***
	3vs4	-	3vs4	-	3vs4	-	3vs4	-	3vs4	-	3vs4	-

Nota. N = amostra total; n = nº de participantes; M = Média; DP = Desvio Padrão; F = ANOVA; FACES-IV = Escala de Avaliação da Adaptabilidade e da Coesão Familiar versão IV; 1 = Fase 1; 2 = Fase 2; 3 = Fase 3; 4 = Fase 4; * $p < 0,05$; ** $p < 0,01$; *** $p < 0,001$; NS = Não significativo;

Na Tabela 13, observa-se que a percepção do funcionamento familiar nas subescalas da *Comunicação* e da *Satisfação* variam de forma estatisticamente significativa ($p \leq 0,05$) nas diferentes fases da pandemia.

Os valores mais altos são na Fase 1, na subescala da *Comunicação* ($M = 38,02$) e na subescala da *Satisfação* ($M = 36,35$), e os valores mais baixos em ambas as subescalas são na Fase 4 ($M_{comunicação} = 32,73$; $M_{satisfação} = 32,84$).

Tabela 13*Comunicação e Satisfação e fases da pandemia (N = 1768)*

<i>FACES-IV</i>				
Fases da pandemia	Comunicação		Satisfação	
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>
Fase 1 (<i>n</i> = 326)	38,02	7,01	36,35	7,38
Fase 2 (<i>n</i> = 1156)	35,76	7,84	34,62	8,08
Fase 3 (<i>n</i> = 141)	35,54	8,13	34,87	8,14
Fase 4 (<i>n</i> = 145)	32,73	8,62	32,84	8,27
<i>F</i>	16,264***		7,188***	
Comparação múltipla de médias de ordens	1vs2	***	1vs2	**
	1vs3	**	1vs3	-
	1vs4	***	1vs4	***
	2vs3	-	2vs3	-
	2vs4	***	2vs4	*
	3vs4	*	3vs4	-

Nota. *N* = amostra total; *n* = nº de participantes; *M* = Média; *DP* = Desvio Padrão; *F* = ANOVA; *FACES-IV* = Escala de Avaliação da Adaptabilidade e da Coesão Familiar versão IV; 1 = Fase 1; 2 = Fase 2; 3 = Fase 3; 4 = Fase 4; * $p < 0,05$; ** $p < 0,01$; *** $p < 0,001$; ^{NS} = Não significativo

Na Tabela 14, observa-se que a subescala equilibrada *Coesão* variou de forma estatisticamente significativa em função do Posição na família dos participantes (situação em que se encontravam no seu agregado aquando da participação). Os valores mais altos verificam-se nos pais ($M = 24,73$) na subescala *Coesão* e, no casal ($M = 22,31$) na subescala *Flexibilidade*. Verificam-se também diferenças estatisticamente significativas ($p \leq 0,05$) no que respeita à *Coesão* entre: i) filhos e pais; e ii) pais e individual.

No que diz respeito à subescala desequilibrada *Rígida*, o valor mais alto observa-se no casal ($M = 19,22$). E nas restantes subescalas desequilibradas, os participantes que ocupam o Posição na família “*Outro*”, pontuam os resultados mais elevados ($M_{desmembrada} = 23,00$; $M_{emaranhada} = 23,86$; $M_{caótica} = 18,93$). Verificam-se diferenças estatisticamente significativas ($p \leq 0,05$) na subescala *Emanhada* entre: i) filhos e pais; ii) pais e individual; e iii) casal e individual.

Tabela 14*Subescalas da FACES-IV e Posição na família (N = 1768)*

FACES-IV												
Posição na família	Subescalas Equilibradas						Subescalas Desequilibradas					
	Coesão		Flexibilidade		Desmembrada		Emaranhada		Rígida		Caótica	
	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP
Filhos (n = 799)	23,53	5,06	21,75	5,44	21,29	6,79	21,87	4,97	19,21	3,62	18,50	4,58
Pais (n = 608)	24,73	5,05	22,18	6,34	21,37	7,99	23,33	5,27	19,06	3,53	18,34	5,16
Casal (n = 243)	23,97	5,05	22,31	5,82	21,49	7,29	22,60	5,15	19,22	3,25	18,60	4,65
Individual (n = 104)	23,28	5,49	21,95	5,79	21,00	6,64	20,95	5,79	19,13	4,17	17,68	5,06
Outro (n = 14) ^a	23,00	6,22	19,00	5,49	23,00	8,00	23,86	5,34	18,79	3,21	18,93	3,62
F	5,481***		1,591 ^{NS}		0,277 ^{NS}		9,470***		0,204 ^{NS}		0,824 ^{NS}	
Comparação múltipla de médias de ordens	1vs2	***	1vs2	-	1vs2	-	1vs2	***	1vs2	-	1vs2	-
	1vs3	-	1vs3	-	1vs3	-	1vs3	-	1vs3	-	1vs3	-
	1vs4	-	1vs4	-	1vs4	-	1vs4	-	1vs4	-	1vs4	-
	1vs5	-	1vs5	-	1vs5	-	1vs5	-	1vs5	-	1vs5	-
	2vs3	-	2vs3	-	2vs3	-	2vs3	-	2vs3	-	2vs3	-
	2vs4	*	2vs4	-	2vs4	-	2vs4	***	2vs4	-	2vs4	-
	2vs5	-	2vs5	-	2vs5	-	2vs5	-	2vs5	-	2vs5	-
	3vs4	-	3vs4	-	3vs4	-	3vs4	*	3vs4	-	3vs4	-
	3vs5	-	3vs5	-	3vs5	-	3vs5	-	3vs5	-	3vs5	-
	4vs5	-	4vs5	-	4vs5	-	4vs5	-	4vs5	-	4vs5	-

Nota. ^a = sobrinho(a)/neto(a)/afilhado(a); N = amostra total; n = n° de participantes; M = Média; DP = Desvio Padrão; F = ANOVA; FACES-IV = Escala de Avaliação da Adaptabilidade e da Coesão Familiar versão IV; 1 = Filhos; 2 = Pais; 3 = Casal; 4 = Individual; 5 = Outro; * p < 0,05; ** p < 0,01; *** p < 0,001; NS = Não significativo

Na Tabela 15, observa-se que as subescalas da *Comunicação* e da *Satisfação* variaram de forma estatisticamente significativa ($p \leq 0,05$) em função da posição na família. Nas subescalas da *Comunicação* ($M = 37,74$) e *Satisfação* ($M = 36,24$) os valores mais altos são dos pais.

À *posteriori*, partindo da comparação múltipla de médias de ordens, verificam-se diferenças estatisticamente significativas ($p \leq 0,05$), na subescala *Comunicação* entre: i) filhos e pais; ii) filhos e casal; e iii) pais e individual. Na subescala da *Satisfação* entre: i) filhos e pais; e ii) pais e individual, sendo que os pais apresentam em ambas valores médios mais elevados.

Tabela 15*Comunicação e Satisfação e Posição na família (N = 1768)*

<i>FACES-IV</i>				
Posição na família	Comunicação		Satisfação	
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>
Filhos (n = 799)	34,59	7,83	33,80	8,24
Pais (n = 608)	37,74	7,13	36,24	7,26
Casal (n = 243)	36,56	8,25	35,33	8,04
Individual (n = 104)	34,26	8,91	33,32	8,94
Outro (n = 14) ^a	33,00	10,59	32,57	9,31
F	16,319***		9,637***	
Comparação múltipla de médias de ordens	1vs2	***	1vs2	***
	1vs3	*	1vs3	-
	1vs4	-	1vs4	-
	1vs5	-	1vs5	-
	2vs3	-	2vs3	-
	2vs4	***	2vs4	*
	2vs5	-	2vs5	-
	3vs4	-	3vs4	-
	3vs5	-	3vs5	-
	4vs5	-	4vs5	-

Nota. ^a = sobrinho(a)/neto(a)/afilhado(a); N = amostra total; n = n° de participantes; M = Média; DP = Desvio Padrão; F = ANOVA; FACES-IV = Escala de Avaliação da Adaptabilidade e da Coesão Familiar versão IV; 1 = Filhos; 2 = Pais; 3 = Casal; 4 = Individual; 5 = Outro; * p < 0,05; ** p < 0,01; ***p < 0,001; NS = Não significativo

De acordo com os resultados obtidos nos Apêndices A e C, na Fase 1, tanto os pais como os filhos, perceberam as suas famílias como mais equilibradas, nas subescalas da coesão e flexibilidade, e com uma melhor comunicação e satisfação, comparativamente com as restantes fases *COVID-19*, onde se observa uma diminuição gradual e significativa.

Na Fase 4, tanto os pais como os filhos, perceberam as suas famílias como mais desequilibradas, pontuando valores altos nas subescalas desmembrada, emaranhada e caótica ($M_{desmembrada/pais} = 27,64$; $M_{emaranhada/pais} = 26,15$; $M_{caótica/pais} = 21,30$; $M_{desmembrada/filhos} = 25,71$; $M_{emaranhada/filhos} = 24,89$; $M_{caótica/filhos} = 20,52$). No entanto, de acordo com estes resultados, pode-se observar que os pais percebem a sua família ligeiramente mais desequilibrada do que os filhos. Na perspetiva dos pais, a sua família era mais rígida na Fase 1 ($M_{rígida} = 20,50$), em comparação com as restantes fases *COVID-19*, e na perspetiva dos filhos foi mais rígida na Fase 2 ($M_{rígida} = 19,33$) (Apêndice B).

Relativamente ao grau de preocupação individual face à *COVID-19* (Apêndice D e E) participantes muitíssimo preocupados percebem maior coesão ($M_{coesão} = 24,91$) e rigidez ($M_{rígida} = 19,74$) familiar, maior comunicação ($M_{comunicação} = 36,71$) e satisfação ($M_{satisfação} = 35,60$); participantes muito preocupados percebem maior flexibilidade

familiar ($M_{flexibilidade} = 22,82$); e os pouco preocupadas percecionam maior desmembramento ($M_{desmembrada} = 23,06$) e caoticidade familiar ($M_{caótica} = 19,30$).

Perceção da Resiliência Familiar em Contexto de Pandemia COVID-19

A Tabela 16, sintetiza os resultados obtidos nas dimensões da *Walsh Family Resilience Questionnaire (WFRQ)*. Na subescala *Sistema de Crenças*, observam-se resultados considerados altos ($M = 61,68$). Na dimensão *Padrões Organizacionais e Comunicação e Resolução de Problemas* observam-se valores médios altos ($M_{padrões organizacionais} = 37,96$) e ($M_{comunicação e resolução de problemas} = 21,72$).

Tabela 16

Dimensões da WFRQ (N = 1768)

<i>Subescalas</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>Intervalo</i>
Sistema de Crenças	61,68	13,13	16 – 80
Padrões Organizacionais	37,96	8,03	10 – 50
Comunicação e Resolução de Problemas	21,72	4,59	6 – 30

Nota. N = amostra total; n = n° de participantes; M = Média; DP = Desvio Padrão

A Tabela 17, apresenta diferenças entre as dimensões da *WFRQ* e as variáveis das categorias de idades e do sexo. Os adultos são os que percecionam a sua família como mais resiliente na dimensão do *Sistema de Crenças* ($M = 64,74$) e os séniores nos *Padrões Organizacionais e Comunicação e Resolução de Problemas*. Verificam-se também diferenças estatisticamente significativas ($p \leq 0,05$) relativamente ao *Sistema de Crenças* entre: i) adolescentes e adultos; ii) jovens adultos e adultos; e iii) jovens adultos e séniores. Quanto aos *Padrões Organizacionais*, verificam-se diferenças estatisticamente significativas entre: i) adolescentes e adultos; ii) adolescentes e séniores; iii) jovens adultos e adultos; e iv) jovens adultos e séniores. Na dimensão *Comunicação e Resolução de Problemas* não se observam diferenças estatisticamente significativas.

Os participantes do sexo feminino apresentam valores mais elevados em todas as dimensões da *WFRQ* ($M_{sistema de crenças} = 62,50$; $M_{padrões organizacionais} = 38,49$; $M_{comunicação e resolução de problemas} = 21,87$) e observam-se diferenças estatisticamente significativas ($p \leq 0,05$) na relação entre o sexo e as dimensões da *WFRQ*.

Tabela 17*Subescalas da WFRQ e categorias de idade e sexo (N = 1768)*

<i>WFRQ</i>						
<i>Categorias de idade</i>	<i>Sistema de Crenças</i>		<i>Padrões Organizacionais</i>		<i>Comunicação e Resolução de Problemas</i>	
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>
Adolescentes (n = 164)	58,75	14,03	36,39	8,45	21,65	5,08
Jovens Adultos (n = 752)	58,97	13,88	36,50	8,47	21,52	4,58
Adultos (n = 793)	64,74	11,64	39,54	7,30	21,90	4,54
Sêniores (n = 59)	63,41	10,15	39,64	6,15	22,00	4,08
<i>F</i>	29,372***		22,311***		0,953 ^{NS}	
Comparação múltipla de médias de ordens	1vs2	-	1vs2	-	1vs2	-
	1vs3	***	1vs3	***	1vs3	-
	1vs4	-	1vs4	*	1vs4	-
	2vs3	***	2vs3	***	2vs3	-
	2vs4	*	2vs4	*	2vs4	-
	3vs4	-	3vs4	-	3vs4	-
Sexo	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>
Masculino (n = 487)	59,54	13,87	36,55	8,42	21,34	4,80
Feminino (n = 1281)	62,50	12,74	38,49	7,82	21,87	4,51
<i>t</i>	- 4,255***		- 4,567***		- 2,147*	

Nota. N = amostra total; n = nº de participantes; M = Média; DP = Desvio Padrão; F = ANOVA; t = T de Student; WFRQ = *Questionário de Resiliência Familiar de Walsh*; 1 = Adolescentes; 2 = Jovens Adultos; 3 = Adultos; 4 = Sêniores; * p < 0,05; ** p < 0,01; *** p < 0,001; NS = Não significativo

Na Tabela 18, observa-se que a percepção da resiliência familiar foi mais elevada na Fase 2 em todas as dimensões da *WFRQ*: *Sistema de Crenças* (M = 63,91), *Padrões Organizacionais* (M = 39,03) e *Comunicação e Resolução de Problemas* (M = 22,33).

Existem diferenças estatisticamente significativas ($p \leq 0,05$) no que respeita ao *Sistema de Crenças* entre: i) a Fase 1 e a Fase 2; ii) a Fase 1 e a Fase 4; iii) a Fase 2 e a Fase 4; e iv) a Fase 3 e a Fase 4.

Quanto aos *Padrões Organizacionais*, verificam-se diferenças estatisticamente significativas apenas entre: i) a Fase 1 e a Fase 4.

Na dimensão *Comunicação e Resolução de Problemas* observam-se diferenças estatisticamente significativas entre: i) a Fase 1 e a Fase 4; e ii) a Fase 2 e a Fase 4.

Tabela 18*Subescalas da WFRQ e fases COVID-19 (N = 1768)*

<i>WFRQ</i>						
<i>Fases COVID-19</i>	<i>Sistema de Crenças</i>		<i>Padrões Organizacionais</i>		<i>Comunicação e Resolução de Problemas</i>	
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>
Fase 1 (<i>n</i> = 326)	63,98	11,72	39,03	7,27	22,33	4,16
Fase 2 (<i>n</i> = 1156)	61,39	13,04	37,83	8,03	21,72	4,57
Fase 3 (<i>n</i> = 141)	62,50	14,19	38,28	8,64	21,42	4,94
Fase 4 (<i>n</i> = 145)	58,06	14,73	36,23	8,79	20,69	5,13
<i>F</i>	7,483***		4,368**		4,560**	
	1vs2	**	1vs2	-	1vs2	-
	1vs3	-	1vs3	-	1vs3	-
Comparação múltipla de médias de ordens	1vs4	***	1vs4	**	1vs4	**
	2vs3	-	2vs3	-	2vs3	-
	2vs4	*	2vs4	-	2vs4	*
	3vs4	*	3vs4	-	3vs4	-

Nota. *N* = amostra total; *n* = nº de participantes; *M* = Média; *DP* = Desvio Padrão; *F* = ANOVA; *WFRQ* = *Questionário de Resiliência Familiar de Walsh*; 1 = Fase 1; 2 = Fase 2; 3 = Fase 3; 4 = Fase 4; * $p < 0,05$; ** $p < 0,01$; *** $p < 0,001$; NS = Não significativo

As dimensões *Sistema de Crenças*, *Padrões Organizacionais* e *Comunicação e Resolução de Problemas* variaram de forma estatisticamente significativa ($p \leq 0,05$) em função da posição na família (Tabela 19). Os valores mais altos observam-se nos pais, em todas as dimensões da *WFRQ* ($M_{\text{sistema de crenças}} = 65,36$; $M_{\text{padrões organizacionais}} = 39,82$; $M_{\text{comunicação e resolução de problemas}} = 22,00$).

Verificam-se diferenças estatisticamente significativas ($p \leq 0,05$) no que respeita ao *Sistema de Crenças* entre: i) filhos e pais; ii) filhos e casal; iii) filhos e individual; iv) pais e casal; e v) pais e individual. Relativamente à dimensão *Padrões Organizacionais*, as diferenças verificam-se entre: i) filhos e pais; ii) filhos e casal; iii) filhos e individual; e iv) pais e individual. Por fim, na dimensão *Comunicação e Resolução de Problemas*, observam-se diferenças apenas entre: i) pais e individual.

Tabela 19*Subescalas da WFRQ e Posição na família (N = 1768)*

<i>WFRQ</i>						
<i>Posição na família</i>	<i>Sistema de Crenças</i>		<i>Padrões Organizacionais</i>		<i>Comunicação e Resolução de Problemas</i>	
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>
Filhos (<i>n</i> = 799)	58,96	13,66	36,45	8,26	21,65	4,60
Pais (<i>n</i> = 608)	65,36	11,18	39,82	6,95	22,00	4,31
Casal (<i>n</i> = 243)	62,53	13,44	38,84	8,42	21,74	4,94
Individual (<i>n</i> = 104)	59,33	13,56	36,67	8,66	20,51	5,00
Outro (<i>n</i> = 14) ^a	60,50	12,73	37,50	9,60	21,93	5,87
<i>F</i>	22,709**		17,134***		2,430*	
Comparação múltipla de médias de ordens	1vs2	***	1vs2	***	1vs2	-
	1vs3	**	1vs3	***	1vs3	-
	1vs4	**	1vs4	***	1vs4	-
	1vs5	-	1vs5	-	1vs5	-
	2vs3	*	2vs3	-	2vs3	-
	2vs4	***	2vs4	**	2vs4	**
	2vs5	-	2vs5	-	2vs5	-
	3vs4	-	3vs4	-	3vs4	-
	3vs5	-	3vs5	-	3vs5	-
	4vs5	-	4vs5	-	4vs5	-

Nota. ^a = *sobrinho(a)/neto(a)/afilhado(a)*; *N* = amostra total; *n* = n° de participantes; *M* = Média; *DP* = Desvio Padrão; *F* = ANOVA; *WFRQ* = *Questionário de Resiliência Familiar de Walsh*; 1 = Filhos; 2 = Pais; 3 = Casal; 4 = Individual; 5 = Outro; * $p < 0,05$; ** $p < 0,01$; *** $p < 0,001$; NS = Não significativo

De acordo com os resultados obtidos no Apêndice F, na Fase 1, os pais perceberam as suas famílias como mais resilientes, em todas as dimensões da *WFRQ*, comparativamente com os filhos. No entanto, é possível observar que existe uma diminuição gradual e significativa nas restantes fases *COVID-19*.

Relativamente ao grau de preocupação individual face à *COVID-19* (Apêndice G), famílias muitíssimo preocupadas percebem maior resiliência ($M_{\text{sistema de crenças}} = 63,01$; $M_{\text{padrões organizacionais}} = 29,14$; $M_{\text{comunicação e resolução de problemas}} = 21,68$).

Discussão dos Resultados

Os principais resultados permitem concluir que:

1) durante a primeira fase da pandemia *COVID-19* (Fase 1), os participantes percebem o seu funcionamento familiar como equilibrado e nas restantes fases percebem-no como desequilibrado; 2) as mulheres percebem a sua família com um funcionamento mais equilibrado e maior resiliência em comparação com os homens; 3) os pais e os filhos apresentam diferentes percepções do funcionamento familiar, sendo que os pais percebem a sua família mais funcional e os filhos menos funcional; 4) os participantes que responderam na primeira fase da pandemia *COVID-19* (Fase 1) percebem uma maior resiliência familiar em comparação com os participantes que responderam nas restantes fases *COVID-19*; 5) os pais percebem uma maior resiliência familiar em comparação com os filhos.

Na primeira fase da pandemia (Fase 1) os participantes, na sua globalidade, percebem as suas famílias como equilibradas, obtendo pontuações altas nas subescalas equilibradas e baixas nas subescalas desequilibradas, inserindo-se no *Cluster 1: Equilibradas*. Enquanto que nas restantes fases (Fase 2, Fase 3 e Fase 4) os participantes percebem as suas famílias como desequilibradas, obtendo pontuações baixas nas subescalas equilibradas e altas nas subescalas desequilibradas, inserindo-se no *Cluster 6: Desequilibradas*.

Tal como mostra a investigação de Silva (2021), a pandemia provocou mudanças nas rotinas da vida familiar. Do isolamento resultou o distanciamento social e físico das famílias e dos seus elementos face ao exterior. Um dos desafios centrou-se na “delimitação e partilha de espaços comuns em casa, dada a necessidade de os membros da família permanecerem em recolhimento por períodos de tempo prolongados e realizarem diferentes atividades nesse ambiente” (Silva, 2021, p.34). Outro desafio que se impôs foi a necessidade de ajustes nas dinâmicas familiares, por exemplo, face à exposição dos filhos às tecnologias (e.g. aulas online), que foi uma novidade a ser gerida pelo subsistema parental (Lebow, 2020). Em síntese, o surgimento e manutenção desta crise pandémica durante vários meses, modificou rotinas e desafiou os membros da família na prossecução das suas atividades profissionais e académicas em contexto domiciliar, num espaço partilhado, com limitação dos contactos com o exterior e das atividades com membros fora do sistema familiar e, portanto, é compreensível e

expectável que ocorram alterações na percepção dos sujeitos quanto ao funcionamento familiar e à qualidade das relações familiares.

A manutenção da situação de crise por longos períodos de tempo, associada à incerteza e limitações substanciais dos contextos de vida das famílias, amplifica o foco na dinâmica interna, as exigências do dia a dia e, conseqüentemente, desgasta as relações e os processos de funcionamento, o que poderá explicar porque as famílias que participaram em estádios iniciais da pandemia percebem melhor funcionamento, maior satisfação e comunicação, do que as que participaram nas restantes fases. Adicionalmente a pandemia também implicou desafios em níveis muito básicos da vida das pessoas como são a saúde e as condições económicas e de vida, no geral - habitação, trabalho, acesso a bens e serviços, etc. A exposição no tempo a adversidades nestes níveis também poderá ter contribuído para a percepção de pior funcionamento. Um estudo desenvolvido por Pereira (2021) concluiu que na pandemia a percepção de funcionamento familiar é melhor em famílias com rendimentos mais elevados e pior em famílias com rendimentos mais baixos e situação laboral mais precária.

Matos (2022), defende que a baixa satisfação familiar pode estar associada à pressão económica, acontecimentos de vida extraordinários e à morte de familiares. Da mesma forma, Pereira (2021) argumenta que os baixos níveis de satisfação familiar se podem justificar pelo confronto com vários desafios em simultâneo – internos e externos – ao longo do tempo da pandemia (e.g. sobrecarga dos pais face aos filhos; ausência de sistemas de suporte: infantários, escola, familiares; privação social; questões financeiras).

Estudos fora do contexto pandémico corroboram estas tendências. Neves (2015) mostra que a baixa satisfação com a família “pode dever-se a questões do funcionamento familiar (coesão e flexibilidade), a constrangimentos externos ou a eventos específicos que são percebidos como perturbadores” (Neves, 2015, p.34).

Relativamente aos níveis de percepção da resiliência, a literatura mostra que famílias que conseguem manter a proximidade, a coesão, e que procuram suporte social, apesar da existência de eventos adversos, mostram-se mais resilientes do que famílias sem estas características, no contexto da pandemia *COVID-19* (Prime, et al., 2020). Contudo, como apresentado nos resultados da presente investigação, as famílias tornaram-se menos coesas e mais desmembradas, justificando-se assim a fraca resiliência familiar nas restantes fases da pandemia. Estes factos podem justificar-se dado que a pandemia se cruza com eventos stressantes ao longo do tempo. O Modelo de Carter e Mcgoldrick vem fundamentar o supracitado, uma vez que, a pandemia *COVID-19* é identificada como uma

fonte de *stress* horizontal e, mantendo a sua continuidade temporal, prevê-se que se esgotem os recursos e estratégias de *coping* dos elementos da família, aumentando a pressão sob o eixo vertical e ameaçando o equilíbrio familiar (McGoldrick et al., 2014).

Apesar de as famílias se percecionarem como funcionais no início da crise pandémica, as médias decrescem com o prolongamento da situação pandémica, dada a exposição e manutenção de eventos stressantes que amplificam a dificuldade de se manter um funcionamento familiar mais equilibrado e maior resiliência.

Uma amostra longitudinal (Apêndice I e Apêndice J) vem sustentar estas observações, na medida em que, durante o contexto pandémico, os mesmos participantes vão percecionando as suas famílias como menos funcionais e menos resilientes com a continuidade do evento stressante.

Outro resultado obtido com a presente investigação mostra que as mulheres percecionam a sua família como mais funcional e mais resiliente, quando comparadas com os homens.

Estudos realizados em contexto não pandémico corroboram estes resultados. Silva (2015) conclui que as mulheres percecionam a família como mais coesa, comparativamente com os homens. Também a investigação de Lopes (2020) e de Fuentes e Medina (2013), mostra que o sexo masculino tende a percecionar um maior desmembramento das suas famílias, ao passo que o sexo feminino tende a percecionar uma maior coesão equilibrada. E, segundo Neves (2015), os pais desejam que a sua família seja mais coesa e as mães desejam maior flexibilidade.

Estes dados podem ser explicados tendo em conta as características diferenciadoras do papel do homem e da mulher na cultura ocidental, de que fazem parte os nossos participantes.

Em Portugal, na sua generalidade, são os homens que têm salários mais elevados, constituindo-se, assim, a maior fonte de rendimento económico da família. Este fator, não só pode ter influência na distribuição do poder intrafamiliar como também poderá trazer um maior sentido de responsabilização da manutenção familiar, justificando assim, a menor perceção de um funcionamento familiar mais equilibrado por parte do sexo masculino. Segundo Azevedo (2018), tendo em conta os papéis dos elementos da família, os homens continuam a ser percebidos como os que “apoiam/ajudam” e, por vezes, este facto pode levar a que os homens subentendam a realização das tarefas domésticas como uma “obrigação”, da qual têm de despender o tempo que esperariam ter como “livre”. Desta forma, as assimetrias relativamente aos papéis do homem e da mulher no seio

familiar podem ter um impacto negativo no funcionamento familiar (Azevedo, 2018). Estes fatores poderão ter um impacto maior nas dinâmicas e no funcionamento familiar quando as famílias são expostas a eventos stressantes, como é o caso da pandemia *COVID-19* que, como mostra o presente estudo, provocou um aumento no número de situações de desemprego e consequente redução dos rendimentos.

Por outro lado, de acordo com a cultura ocidental, as mulheres detêm uma acumulação de tarefas associadas ao vasto leque de papéis que ocupam na família. São consideradas como “guardiãs” da família (Leach & Braithwaite, 1996), isto é, cabe às mulheres o planeamento, realização e manutenção dos rituais familiares, provocando um maior envolvimento familiar e um maior impacto pessoal (Crespo et al., 2008). Silva (2021), explica que “o papel da mulher continua a ser diferenciado do papel do homem, quanto ao envolvimento afetivo e prático da família, pois as mulheres desempenham múltiplas funções em casa e relativamente aos filhos, estão mais envolvidas em tarefas internamente e têm mais acesso aos diversos elementos da família apesar da sobrecarga a que podem estar expostas” (Silva, 2021, p.34). O facto de as mulheres se envolverem e identificarem mais com a sua família poderá significar que são mais positivas quanto à sua avaliação familiar, justificando assim a perceção de um funcionamento familiar mais equilibrado e maior resiliência do que os homens (Azevedo, 2018).

Todavia, estes resultados poderão não estar intimamente relacionados com o surgimento da pandemia, uma vez que alguns estudos consideram estes resultados expectáveis considerando as diferenças na perceção do funcionamento e resiliência familiar entre homens e mulheres (Neves, 2015; Olson et al., 1989; Silva, 2015).

Relativamente à posição que os elementos ocupam na família, constata-se que os pais e os filhos apresentam diferentes perceções do funcionamento e resiliência familiar, sendo que os pais percecionam a sua família mais funcional e mais resiliente em comparação com os filhos.

Uma investigação realizada por Hussong et al. (2021), com adolescentes, corrobora os resultados desta investigação, pois conclui que existiu um decréscimo na perceção do funcionamento, da comunicação, da satisfação familiar e na qualidade da relação entre pais e filhos, por parte dos elementos do subsistema filial, durante o contexto pandémico da *COVID-19*. O estudo de Lopes (2020) identificou menores níveis de coesão e flexibilidade equilibrada e pior comunicação, durante o contexto pandémico. E segundo Silva (2021), os pais percecionam a sua família com um funcionamento mais equilibrado e com uma boa comunicação e satisfação familiar, comparativamente aos filhos que

percecionaram baixo funcionamento equilibrado, pior comunicação e satisfação mais baixa. Nota-se existir uma discrepância vincada entre a percepção do funcionamento e da resiliência familiar dos pais e filhos adolescentes e, uma das principais razões para tal fenómeno ocorrer, deve-se ao nível de *stress* intrafamiliar ser mais alto na etapa do ciclo vital “famílias com filhos adolescentes” (Olson et al., 1989). Os pais identificam como maior fonte de *stress* a situação financeira e tensões familiares e os filhos adolescentes referem a dificuldade de lidar com a família no quotidiano, utilização de substâncias psicoativas e começo da vida sexualmente ativa (Olson et al., 1989).

Segundo Lopes (2020) a pandemia *COVID-19* limitou os adolescentes quanto à sua liberdade e forçou a uma reclusão no seio familiar, em virtude da fase desenvolvimental em que se encontram, que é pautada pela “abertura ao exterior, pela experimentação e pela importância acrescida do grupo de pares em detrimento da família” (Lopes, 2020).

A etapa do ciclo vital “famílias com filhos adolescentes” exige desafios e mudanças características desta etapa (Alarcão, 2002; McGoldrick et al., 2014; Olson et al., 1989). No período da adolescência, as questões identitárias implicam uma certa autonomia face à família e aproximação ao grupo de pares (Alarcão, 2002; Olson et al., 1989). Este afastamento normativo ficou limitado pela situação pandémica, o que teve impactos consideráveis no bem-estar dos jovens adolescentes e potenciou um aumento de tensão e *stress* na família. Para o subsistema parental, os principais desafios são fundamentalmente a criação e manutenção de um sistema executivo forte, capaz de impor limites, negociar regras com os filhos, metacomunicar sobre dificuldades e medos e facilitar a abertura ao exterior na relação com os pares e com a família (Alarcão, 2002; McGoldrick et al., 2014). Também estas tarefas foram fortemente condicionadas pela situação pandémica, com impactos na gestão da coesão e implementação das mudanças necessárias que potenciam a autonomia dos filhos.

No geral, e fora da situação pandémica, as famílias com filhos adolescentes evidenciam níveis de coesão e flexibilidade mais baixos, comparados com outras etapas do ciclo vital da família, sendo que esta diminuição é ainda mais notória quando é considerada a percepção que os adolescentes têm das suas famílias (Olson et al., 1989). Estudos não pandémicos já confirmavam estes resultados. Almeida (2014) e Cerveira (2015) constataram igualmente uma relação entre a percepção dos adolescentes e dos pais sobre o funcionamento familiar e o autoconceito dos filhos adolescentes. Os adolescentes percecionam o funcionamento familiar de uma forma mais negativa do que os pais, considerando as suas famílias como mais desmembradas. Contrariamente, os pais

percecionaram-nas como mais coesas, flexíveis, emaranhadas, com melhor comunicação e menos desmembradas (Almeida, 2014; Cerveira, 2015).

Os resultados mais baixos obtidos na escala de *Walsh* apresentam-se na posição familiar “filhos” e podem justificar-se uma vez que os jovens apresentam vulnerabilidades particulares, tendo conhecimentos limitados acerca da pandemia *COVID-19* e estratégias de *coping* igualmente limitadas, não conseguindo escapar à ameaça física e psíquica que esta crise implicou. Também mostraram maiores dificuldades em comunicar os seus sentimentos, comparativamente com os adultos (Imran et al., 2020). O encerramento das escolas e a separação do grupo de amigos, pode igualmente causar *stress*, ansiedade, frustração, dificuldades de concentração, aborrecimento pela situação pandémica e face ao distanciamento social a que os jovens foram forçados (Imran et al., 2020).

Por outro lado, o subsistema parental apresenta maior resiliência em todas as dimensões da *WFRQ*, comparativamente com a perceção dos filhos. Lebow (2020), defende que a pandemia *COVID-19*, obrigou a uma existência de alterações na dinâmica relacional das famílias que trouxe desafios adicionais à parentalidade, pois foi necessária uma redefinição da rotina familiar que era mantida até então, o que implicou um ajustamento e até o estabelecimento de novas regras, o que pode ter potenciado e ajudado ao desenvolvimento de mais e novas estratégias de funcionamento. Assim sendo, através destes fatores pode-se explicar a maior perceção da resiliência por parte do subsistema parental.

Como apresenta a investigação vigente, relativamente à idade, também se conclui que a perceção de resiliência familiar vai aumentando à medida que os sujeitos vão crescendo/envelhecendo. Na análise das subescalas da *WFRQ* e categorias de idade, os “séniores” percecionam a sua família como mais resiliente nas dimensões dos *Padrões Organizacionais* e *Comunicação e Resolução de Problemas*. Este facto pode estar associado à aquisição de mais recursos emocionais e estratégias de *coping* adquiridas com a exposição a um maior número de desafios impostos ao longo da existência do indivíduo, à sabedoria, e às experiências de vida alcançadas com a longevidade. Assim sendo, percebe-se que o crescimento/envelhecimento traga uma maior abertura para a mudança, uma maior flexibilidade, mais utilização de recursos em momentos de crise, melhor aceitação das diferenças entre os elementos familiares, incentivo à liberdade e expressão das emoções.

Conclusões

Esta investigação contribui para a literatura geral sobre funcionamento e resiliência familiar, referente à crise pandémica, auxiliando ainda a equacionar o seu impacto nos diferentes subsistemas parental e filial, tendo em conta as várias fases *COVID-19*.

Os sujeitos em contexto pandémico, na sua generalidade, percecionaram as suas famílias como equilibradas na primeira fase da pandemia, no entanto, nas restantes fases da pandemia percecionaram-na como desequilibrada.

Destaca-se neste estudo que os pais percecionaram as suas famílias mais funcionais e resilientes no primeiro confinamento, comparativamente com os filhos. No entanto, é possível observar que existe uma diminuição gradual e significativa nas restantes fases da pandemia. Estes dados reforçam a ideia de que os desafios e crises não são tão bem geridos pelo subsistema filial. Sublinha-se também a ideia de que, na perspetiva dos pais, a sua família foi mais rígida na Fase 1 em comparação com as restantes fases *COVID-19* e, na perspetiva dos filhos, foi mais rígida na Fase 2.

Uma das limitações deste estudo foi a escassez de estudos nacionais sobre o funcionamento e resiliência familiar, em contexto de pandemia, tendo em conta a perspetiva de pais e filhos, que a discussão dos resultados. Outra limitação centra-se na incapacidade de analisar se estas perceções se mantiveram no tempo, passando novamente o questionário às famílias que outrora o responderam.

Em investigações futuras sugere-se a realização de um estudo do funcionamento e da resiliência no sentido de compreender em que medida as situações decorrentes da *COVID-19* (e.g. infeção, morte de familiares) podem influenciar variações na perceção do funcionamento e da resiliência.

Este trabalho apresenta resultados com implicações clínicas para a intervenção com famílias em contextos de crise. Sobressai a necessidade de potenciar o subsistema parental e o subsistema filial de recursos internos e externos, ativando o suporte externo e equacionando recursos internos para fazer frente aos momentos de crise. Também se acentua a necessidade de atender à complexidade das dinâmicas das famílias, atendendo ao sexo masculino e feminino, ajudando-as a encontrar padrões de funcionamento mais coesos e estáveis em contextos desafiantes. Sublinha-se ainda a importância da vivência em contexto familiar e da presença de filhos na perceção de ajustamento e resiliência face a crises que reduzem significativamente as relações com os contextos externos. Estes

resultados devem levar os profissionais a equacionar estratégias de intervenção no sentido de dotar os pais e os filhos de estratégias de *coping* para eventos stressantes ou de crise.

Referências Bibliográficas

- Alarcão, M. (2002). *(Des)equilíbrios familiares: Uma visão sistémica* (2ª ed.). Quarteto Editora.
- Almeida, I. (2014). *Configuração Familiar, Perceção de Funcionamento Familiar e Autoconceito Adolescente: estudo exploratório sobre a perceção de funcionamento familiar e autoconceito do filho adolescente em famílias nucleares intactas, monoparentais, reconstituídas e alargadas* [Dissertação de Mestrado, Instituto Superior Miguel Torga]. Repositório do Instituto Superior Miguel Torga. <http://repositorio.ismt.pt/jspui/handle/123456789/583>
- Anjos, V. (2017). *Perceção do funcionamento familiar e do suporte social em estudantes do ensino superior em Portugal continental* [Dissertação de Mestrado, Instituto Superior Miguel Torga]. Repositório do Instituto Superior Miguel Torga. <http://repositorio.ismt.pt/handle/123456789/731>
- Azevedo, T. M. L. (2018). *“Os arquitetos da família”: Rituais familiares, coesão familiar e satisfação conjugal em casais portugueses* [Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa – Faculdade de Psicologia]. <http://hdl.handle.net/10451/37110>
- Brandão, J., Mahfoud, M., & Gianordoli-Nascimento, I. (2011). A construção do conceito de resiliência em psicologia: discutindo as origens [The construction of the concept of resilience in psychology: discussing the origins of resilience]. *Paidéia*, 21(49), 263–271. <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2011000200014>
- Carvalho, R. (2015). A historicização da física e uma nova dimensão da história: o tempo na visão de Ilya Prigogine e de Reinhart Koselleck. *Diálogo*, 19(2), 813–848. <https://doi.org/10.4025/dialogosv19i2.1080>
- Cerveira, C. (2015). *Funcionamento das famílias: perceção de funcionamento familiar nas diferentes configurações familiares* [Dissertação de Mestrado, Instituto Superior Miguel Torga]. Repositório do Instituto Superior Miguel Torga. <http://repositorio.ismt.pt/jspui/handle/123456789/486>
- Crespo, C., Davide, I. N., Costa, M. E., & Fletcher, G. J. O. (2008). Family rituals in married couples: Links with attachment, relationship quality, and closeness. *Personal Relationships*, 5 (2), 191–203. <https://doi.org/10.1111/j.1475-6811.2008.00193.x>

- Cusinato, M., Iannatone, S., Spot, A., Poli, M., Moretti, C., Gatta, M., & Miscioscia, M. (2020) Stress, Resilience, and Well-Being in Italian Children and Their Parents during the COVID-19 Pandemic. *Internacional Journal of Environmental Research and Public Health*, 17(22), 1–17. <https://doi.org/10.3390/ijerph17228297>
- Decreto de Lei nº 55/2020. D. R. I Série. 55 (18-03-2020) 2 – 4. Disponível em <https://dre.pt/dre/detalhe/decreto-presidente-republica/14-a-2020-130399862>
- Everri, M., Mancini, T., & Fruggeri, L. (2016). The role of rigidity in adaptive and maladaptive families assessed by FACES IV: the points of view os adolescents. *Journal of Child and Family Studies*, 2016(25), 2987–2997. <https://doi.org/10.1007/s10826-016-0460-3>
- Fuentes, N., & Medina, J. (2013). Resiliencia: diferencias por edad en hombres y mujeres mexicanos. *Acta de investigación psicológica*, 3(1), 941–955. [http://dx.doi.org/10.1016/S2007-4719\(13\)70944-X](http://dx.doi.org/10.1016/S2007-4719(13)70944-X)
- Henry, C., Morris, A., & Harrist, A. (2015). Family resilience: moving into the third wave. *Family Relations*, 64(1), 22–43. <https://doi.org/10.1111/fare.12106>
- Hussong, A., Midgette, A., Richards, A., Petrie, R., Coffman, J., & Thomas, T. (2021). COVID-19 Life Events Spill-Over on Family Functioning and Adolescent Adjustment. *Journal of Early Adolescence*, 42(3), 359–388 <https://doi.org/10.21203/rs.3.rs-90361/v1>
- Imran, N., Zeshan, M., & Pervaiz, Z. (2020). Mental health considerations for children & adolescents in COVID-19 Pandemic. *Pakistan Journal of Medical Sciences*, 2020(36), 67–72. <https://doi.org/10.12669/pjms.36COVID19-S4.2759>
- Jornal de Notícias. (2020). *Cronologia de acontecimentos da epidemia do coronavírus*. <https://www.jn.pt/mundo/cronologia-de-acontecimentos-da-epidemia-do-coronavirus-11931276.html>
- Kim, H. (2013). Statistical notes for clinical researchers: assessing normal distribution using skewness and kurtosis. *Restorative Dentistry & Endodontics*, 38(1), 52–54. <https://doi.org/10.5395/rde.2013.38.1.52>
- Laureano, R. M. S. (2013). *Teste de Hipóteses com o SPSS – O Meu Manuel de Consulta Rápida* (2ª ed.). Edições Sílabo.
- Leach, M. S. & Braithwaite, D. O. (1996). A binding tie: Supportive communication of family kinkeepers. *Journal of Applied Communication Research*, 24(3), 200-216. <https://doi.org/10.1080/00909889609365451>

- Lebow, J. L. (2020). Family in the age of COVID-19. *Family Process*, 59(2), 1–4. <https://doi.org/10.1111/famp.12543>
- Lopes, B. (2020). *Perceção do funcionamento familiar em contexto de pandemia COVID19: um estudo com adolescentes portugueses* [Dissertação de Mestrado, Instituto Superior Miguel Torga]. Repositório do Instituto Superior Miguel Torga. <http://repositorio.ismt.pt/jspui/handle/123456789/1243>
- Matos, C. C. (2022). *Perceção do Funcionamento Familiar em Indivíduos Pertencentes a Casais com e sem Filhos na Pandemia Covid-19* [Dissertação de Mestrado, Instituto Superior Miguel Torga]. Repositório do Instituto Superior Miguel Torga. <http://repositorio.ismt.pt/jspui/handle/123456789/1397>
- Maynard, P., & Olson, D. (1987). Modelo circunflexo de sistemas familiares: uma ferramenta de tratamento no aconselhamento familiar. *Journal of Counseling & Development*, 65 (9), 502–504. <https://doi.org/10.1002/j.1556-6676.1987.tb00766.x>
- McGoldrick, M., Carter, B., & Garcia-Preto, N. (2014). *The Expanded Family Life Cycle Individual, Family, Social Perspectives* (4ª ed.). Pearson Education Limited.
- Minuchin, P., Colapinto, J., & Minuchin, S. (1999). *Trabalhando com famílias pobres*. Artes Médicas.
- Neves, S. (2015). *Funcionamento Familiar e Autoconceito do Adolescente: percepção de pais e filhos* [Dissertação de Mestrado, Instituto Superior Miguel Torga]. Repositório do Instituto Superior Miguel Torga. <http://repositorio.ismt.pt/jspui/handle/123456789/551>
- Olson, D. (1986). Circumplex Model VII: validation studies and FACES III. *Family Process*, 25(3), 337–351. <https://doi.org/10.1111/j.1545-5300.1986.00337.x>
- Olson, D. (2000). Circumplex model of marital and family systems. *Journal of Marital and Family Therapy*, 22(2), 144–167. <https://doi.org/10.1111/1467-6427.00144>
- Olson, D. (2011). FACES IV and circumplex model: validation study. *Journal of Marital and Family Therapy*, 37(1), 64–80. <https://doi.org/10.1111/j.1752-0606.2009.00175.x>
- Olson, D., & Gorall, D. (2006). *FACES IV & the circumplex model*. https://www.societyofpediatricpsychology.org/sites/default/files/files/3_innovations.pdf
- Olson, D., Russell, C. & Sprenkle, D. (1989). *Circumplex Model: Systemic Assessment and Treatment of Families*. New York: Haworth Press.

- Organização Mundial de Saúde. (2020). *Naming the coronavirus disease (COVID-19) and the virus that causes it*. [https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019/technical-guidance/naming-the-coronavirus-disease-\(covid-2019\)-and-the-virus-that-causes-it](https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019/technical-guidance/naming-the-coronavirus-disease-(covid-2019)-and-the-virus-that-causes-it)
- Pereira, V. L. M. (2021). *Funcionamento e Resiliência da Família no Contexto da Pandemia COVID-19: estudo com famílias em diferentes circunstâncias socioeconómicas* [Dissertação de Mestrado, Instituto Superior Miguel Torga]. Repositório do Instituto Superior Miguel Torga. <http://repositorio.ismt.pt/jspui/handle/123456789/1317>
- Prime, H., Wade, M., & Browne, D. (2020). Risk and resilience in family well-being during the COVID-19 pandemic. *American Psychologist*, 75(5), 631–643. <https://doi.org/10.1037/amp0000660>
- Rocchi, S., Ghidelli, C., Burro, R., Vitacca, M., Scavini, S., Vedova, A., Roselli, G., & Bertolotti, G. (2017). The Walsh Family Resilience Questionnaire: the Italian version. *Neuropsychiatric Disease and Treatment*, 2017(3), 2987–2999. <https://doi.org/10.2147/NDT.S147315>
- Sequeira, J. (2017). *Psicologia da Família* [Manuscrito não publicado]. Instituto Superior Miguel Torga.
- Sequeira, J. (2020, novembro). *Adaptação e resiliência familiar na crise. Reflexões em torno da pandemia COVID 19*. Congresso (Inter)Nacional Conversas de Psicologia, Coimbra, Portugal.
- Sequeira, J., Cerveira, C. Silva, M., Neves, S., Vicente, H., Espírito-Santo, H. & Guadalupe, S. (2015). *Validation of FACES IV for the Portuguese population*.
- Sequeira, J., Vicente, H. T., Daniel, F., Cerveira, C., Silva, M. I., Neves, S., Santo, H. E., & Guadalupe, S. (2021). Family Adaptability and Cohesion Evaluation Scale – Version IV (FACES IV): validation study in the portuguese population. *Journal of Child and Family Studies*, 2021(30), 1650–1663. <https://doi.org/10.1007/s10826-021-01941-3>
- Silva, D. (2021). *Diversidade Familiar – Funcionamento e resiliência da família na Pandemia COVID-19* [Dissertação de Mestrado, Instituto Superior Miguel Torga]. Repositório do Instituto Superior Miguel Torga. <http://repositorio.ismt.pt/jspui/handle/123456789/1316>
- Silva, M. I. M. C. (2015). *Validação da FACES IV: o funcionamento da família em diferentes etapas do ciclo vital* [Dissertação de Mestrado, Instituto Superior Miguel

- Torga]. Repositório do Instituto Superior Miguel Torga.
<http://repositorio.ismt.pt/handle/123456789/593>
- Silva, I., Schmidt, B., Lordello, S., Noal, D., Crepaldi, M., & Wagner, A. (2020). As relações familiares diante da Covid-19: recursos, riscos e implicações para a prática da terapia de casal e família [Family relations before covid-19: resources, risks and implications for the practice of couple and family therapy]. *Revista Pensando Famílias*, 24(1), 12–28. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/penf/v24n1/v24n1a03.pdf>
- Sousa, V., Driessnack, M., & Mendes, I. (2007). Revisão dos desenhos de pesquisa relevantes para enfermagem. Parte 1: desenhos de pesquisa quantitativa [An overview of research designs relevant to Nursing. Part 1: quantitative research designs]. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 15(3), 502–507. <https://doi.org/10.1590/S0104-11692007000300022>
- Sprang, G., & Silman, M. (2013). Posttraumatic Stress Disorder in Parents and Youth After Health-Related Disasters. *Disaster Medicine and Public Health Preparedness*, 7(1), 105–110. <https://doi.org/10.1017/dmp.2013.22>
- TSF. (2020). *Leia aqui o decreto presidencial que declara o estado de emergência*. <https://www.tsf.pt/portugal/politica/leia-aqui-o-decreto-presidencial-que-declara-o-estado-de-emergencia-11949344.h>
- Walsh, F. (2003). Family resilience: A framework for clinical practice. *Family Process*, 42(1), 1–18. <https://doi.org/10.1111/famp.2003.42.issue-1>
- Walsh, F. (2006). *Strengthening Family Resilience*. The Guilford Press.
- Walsh, F. (2015). *Fortalecimento da resiliência familiar* (3ª ed.). Imprensa Guilford.

APÊNDICES

Apêndice A – Subescalas equilibradas da *FACES-IV*, posição na família (pais e filhos)
e fases *COVID-19*

<i>FACES-IV</i>								
Subescalas Equilibradas								
Fases COVID-19	Coesão				Flexibilidade			
	Pais		Filhos		Pais		Filhos	
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>
Fase 1 (<i>n</i> = 326)	29,05	3,00	26,94	4,18	28,01	3,07	25,49	4,53
Fase 2 (<i>n</i> = 1156)	23,96	4,74	23,32	4,99	20,92	6,17	21,62	5,32
Fase 3 (<i>n</i> = 141)	22,51	5,13	22,28	5,83	19,70	5,92	20,63	5,37
Fase 4 (<i>n</i> = 145)	20,58	3,70	20,78	3,81	17,64	3,26	17,70	4,17

Nota. *n* = nº de participantes; *M* = Média; *DP* = Desvio Padrão; *FACES-IV* = Escala de Avaliação da Adaptabilidade e da Coesão Familiar versão IV; Fase 1 de 22/03/2020 a 02/05/2020; Fase 2 de 03/05/2020 a 17/01/2021; Fase 3 de 18/01/2021 a 14/03/2021; Fase 4 a partir de 15/03/2021.

Apêndice B – Subescalas desequilibradas da *FACES-IV*, posição na família (pais e filhos) e fases *COVID-19*

<i>FACES-IV</i>																
Subescalas Desequilibradas																
Fases COVID-19	Desmembrada				Emaranhada				Rígida				Caótica			
	Pais		Filhos		Pais		Filhos		Pais		Filhos		Pais		Filhos	
	<i>M</i>	<i>DP</i>														
Fase 1 (<i>n</i> = 326)	13,87	3,52	16,35	4,56	19,05	2,94	18,92	3,31	20,50	3,80	18,90	3,82	14,10	3,14	15,31	4,16
Fase 2 (<i>n</i> = 1156) 2.º	23,01	7,74	21,58	6,79	24,34	5,24	21,96	5,06	18,77	3,39	19,33	3,68	19,28	4,99	18,81	4,54
Confinamento (<i>n</i> = 141)	24,22	7,56	22,53	7,15	24,93	5,15	23,19	4,16	18,34	3,42	18,13	3,31	20,17	5,52	19,00	4,46
Fase 4 (<i>n</i> = 145)	27,64	3,94	25,71	5,03	26,15	3,74	24,89	4,35	17,97	2,51	19,14	2,80	21,30	2,62	20,52	3,23

Nota. *n* = nº de participantes; *M* = Média; *DP* = Desvio Padrão; *FACES-IV* = Escala de Avaliação da Adaptabilidade e da Coesão Familiar versão IV;

Fase 1 de 22/03/2020 a 02/05/2020; Fase 2 de 03/05/2020 a 17/01/2021; Fase 3 de 18/01/2021 a 14/03/2021; Fase 4 a partir de 15/03/2021.

Apêndice C – Comunicação e Satisfação, posição na família (pais e filhos) e fases
COVID-19

<i>FACES-IV</i>								
<i>Fases COVID-19</i>	Comunicação				Satisfação			
	Pais		Filhos		Pais		Filhos	
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>
Fase 1 (<i>n</i> = 326)	39,80	5,73	35,27	8,05	37,52	6,61	34,53	8,19
Fase 2 (<i>n</i> = 1156)	37,64	7,13	34,72	7,80	36,12	7,32	33,80	8,35
Fase 3 (<i>n</i> = 141)	36,20	7,99	33,81	7,57	35,41	7,79	33,16	8,22
Fase 4 (<i>n</i> = 145)	33,88	7,90	32,92	7,79	34,30	7,35	32,96	7,42

Nota. *n* = nº de participantes; *M* = Média; *DP* = Desvio Padrão; *FACES-IV* = Escala de Avaliação da Adaptabilidade e da Coesão Familiar versão IV; Fase 1 de 22/03/2020 a 02/05/2020; Fase 2 de 03/05/2020 a 17/01/2021; Fase 3 de 18/01/2021 a 14/03/2021; Fase 4 a partir de 15/03/2021.

Apêndice D – Subescalas da *FACES-IV* e grau de preocupação individual face à *COVID-19*

<i>FACES-IV</i>													
	Subescalas Equilibradas						Subescalas Desequilibradas						
	Coesão		Flexibilidade		Desmembrada		Emaranhada		Rígida		Caótica		
Grau de preocupação individual face à COVID-19	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	
Nada preocupada (<i>n</i> = 97)	21,36	6,06	20,81	6,06	21,37	7,16	22,03	6,00	19,32	4,52	18,38	5,10	
Pouco preocupada (<i>n</i> = 254)	23,06	4,83	20,74	5,23	23,06	6,75	23,03	5,14	19,19	3,42	19,30	4,35	
Preocupada (<i>n</i> = 786)	23,94	4,85	21,84	5,72	21,50	7,18	22,32	5,28	18,87	3,32	18,44	4,76	
Muito preocupada (<i>n</i> = 449)	24,79	5,19	22,82	5,96	20,30	7,34	22,26	4,89	19,35	3,63	17,82	4,79	
Muitíssimo preocupada (<i>n</i> = 182)	24,91	5,21	22,72	6,34	20,81	7,94	22,70	5,21	19,74	3,97	18,54	5,39	
<i>F</i>	13,073***		7,031***		6,234***		1,428 ^{NS}		2,884*		3,928**		
Comparação múltipla de médias de ordens	1vs2	-	1vs2	-	1vs2	-	1vs2	-	1vs2	-	1vs2	-	
	1vs3	***	1vs3	-	1vs3	-	1vs3	-	1vs3	-	1vs3	-	
	1vs4	***	1vs4	*	1vs4	-	1vs4	-	1vs4	-	1vs4	-	
	1vs5	***	1vs5	-	1vs5	-	1vs5	-	1vs5	-	1vs5	-	
	2vs3	-	2vs3	-	2vs3	*	2vs3	-	2vs3	-	2vs3	-	
	2vs4	***	2vs4	***	2vs4	***	2vs4	-	2vs4	-	2vs4	**	
	2vs5	**	2vs5	**	2vs5	*	2vs5	-	2vs5	-	2vs5	-	
	3vs4	*	3vs4	*	3vs4	*	3vs4	-	3vs4	-	3vs4	-	
	3vs5	-	3vs5	-	3vs5	-	3vs5	-	3vs5	*	3vs5	-	
4vs5	-	4vs5	-	4vs5	-	4vs5	-	4vs5	-	4vs5	-		

Nota. *n* = n° de participantes; *M* = Média; *DP* = Desvio Padrão; *F* = ANOVA; *FACES-IV* = Escala de Avaliação da Adaptabilidade e da Coesão Familiar versão IV.

Apêndice E – Comunicação e Satisfação e grau de preocupação individual face à
COVID-19

<i>FACES-IV</i>				
	Comunicação		Satisfação	
Grau de preocupação individual face à COVID-19	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>
Nada preocupada (<i>n</i> = 97)	33,46	10,16	32,68	9,94
Pouco preocupada (<i>n</i> = 254)	34,95	7,40	34,13	7,55
Preocupada (<i>n</i> = 786)	35,88	7,40	34,73	7,67
Muito preocupada (<i>n</i> = 449)	36,71	7,53	35,50	7,60
Muitíssimo preocupada (<i>n</i> = 182)	36,71	9,51	35,60	9,63
<i>F</i>	4,929**		3,475*	
	1vs2	-	1vs2	-
	1vs3	*	1vs3	-
	1vs4	*	1vs4	*
	1vs5	*	1vs5	*
Comparação múltipla de médias de ordens	2vs3	-	2vs3	-
	2vs4	*	2vs4	-
	2vs5	-	2vs5	-
	3vs4	-	3vs4	-
	3vs5	-	3vs5	-
	4vs5	-	4vs5	-

Nota. *n* = nº de participantes; *M* = Média; *DP* = Desvio Padrão; *F* = ANOVA; *FACES-IV* = Escala de Avaliação da Adaptabilidade e da Coesão Familiar versão IV.

Apêndice F - Dimensões da *WFRQ*, posição na família (pais e filhos) e fases *COVID-19*

<i>WFRQ</i>												
<i>Fases COVID-19</i>	Sistema de Crenças				Padrões Organizacionais				Comunicação e Resolução de Problemas			
	Pais		Filhos		Pais		Filhos		Pais		Filhos	
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>
Fase 1 (<i>n</i> = 326)	66,96	9,23	59,94	13,64	40,58	6,01	36,78	8,15	22,76	3,87	21,81	4,07
Fase 2 (<i>n</i> = 1156)	65,55	10,99	58,84	13,66	39,91	6,77	36,44	8,32	21,96	4,18	21,71	4,71
Fase 3 (<i>n</i> = 141)	63,26	13,63	59,31	14,50	38,74	8,46	36,13	8,78	21,22	5,17	21,34	4,30
Fase 4 (<i>n</i> = 145)	61,52	13,09	58,33	13,55	38,18	8,30	36,19	7,81	21,18	4,86	21,15	4,63

Nota. *n* = nº de participantes; *M* = Média; *DP* = Desvio Padrão; *WFRQ* = *Questionário de Resiliência Familiar de Walsh*; Fase 1 de 22/03/2020 a 02/05/2020; Fase 2 de 03/05/2020 a 17/01/2021; Fase 3 de 18/01/2021 a 14/03/2021; Fase 4 a partir de 15/03/2021.

Apêndice G – Dimensões da *WFRQ* e grau de preocupação individual face à *COVID-19*

<i>WFRQ</i>						
Grau de preocupação individual face à COVID-19	Sistemas de Crenças		Padrões Organizacionais		Comunicação e Resolução de Problemas	
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>
Nada preocupada (<i>n</i> = 97)	58,58	15,50	36,43	10,04	20,56	5,47
Pouco preocupada (<i>n</i> = 254)	59,41	13,14	36,44	7,93	20,91	4,53
Preocupada (<i>n</i> = 786)	61,86	12,70	37,97	7,79	22,03	4,34
Muito preocupada (<i>n</i> = 449)	62,79	12,56	38,65	7,56	21,84	4,61
Muitíssimo preocupada (<i>n</i> = 182)	63,01	14,36	39,14	8,78	21,68	4,99
<i>F</i>	4,592**		5,023**		4,767**	
Comparação múltipla de média de ordens	1vs2	-	1vs2	-	1vs2	-
	1vs3	-	1vs3	-	1vs3	*
	1vs4	*	1vs4	-	1vs4	-
	1vs5	*	1vs5	*	1vs5	-
	2vs3	-	2vs3	-	2vs3	*
	2vs4	*	2vs4	*	2vs4	-
	2vs5	*	2vs5	*	2vs5	-
	3vs4	-	3vs4	-	3vs4	-
	3vs5	-	3vs5	-	3vs 5	-
	4vs5	-	4vs5	-	4vs5	-

Nota. *n* = nº de participantes; *M* = Média; *DP* = Desvio Padrão; *F* = ANOVA; *WFRQ* = *Questionário de Resiliência Familiar de Walsh*.

Apêndice H – Média dos percentis de estudos em contextos não *COVID-19* (ano de 2015), do estudo de Silva (2021) em contexto de pandemia *COVID-19* e estudo atual

	Neves,	Silva,	Cerveira,	Silva,	Estudo atual					
	2015	2015	2015	2021						
	<i>M</i>	<i>M</i>	<i>M</i>	<i>M</i>	<i>M</i>	<i>M</i>	<i>M</i>	<i>M</i>	<i>M</i>	
				(Total)	(Fase 1)	(Fase 2)	(Fase 3)	(Fase 4)		
<i>FACES-IV</i>	Coesão	56,37	59,97	59,97	51,40	37,96	59,80	34,92	29,25	21,65
	Flexibilidade	68,84	65,90	65,90	64,09	46,44	70,19	43,41	35,16	28,23
	Desmembrada	26,71	25,29	25,29	28,91	47,38	25,16	50,41	58,30	62,64
	Emaranhada	42,22	38,51	38,51	36,45	49,24	35,65	50,99	57,09	58,23
	Rígida	45,90	41,09	41,09	38,72	36,35	38,31	36,22	33,47	35,79
	Caótica	28,12	25,09	25,14	27,74	35,04	23,91	36,68	40,20	41,94
	Comunicação	63,05	63,38	63,38	51,48	52,98	61,48	52,19	50,97	42,14
	Satisfação	21,55	20,23	20,23	42,03	44,42	51,90	43,39	44,31	38,00

Nota. *M* = Média; *FACES-IV* = Escala de Avaliação da Adaptabilidade e da Coesão Familiar versão IV; Fase 1 de 22/03/2020 a 02/05/2020; Fase 2 de 03/05/2020 a 17/01/2021; Fase 3 de 18/01/2021 a 14/03/2021; Fase 4 a partir de 15/03/2021.

Apêndice I – Média dos resultados da *FACES-IV* de uma amostra longitudinal em contexto de pandemia *COVID-19*

		Amostra longitudinal		
		Momento A	Momento B	Momento C
		<i>M</i>	<i>M</i>	<i>M</i>
<i>FACES-IV</i>	Coesão	29,00	28,96	29,28
	Flexibilidade	27,57	27,57	26,57
	Desmembrada	13,82	14,34	15,00
	Emaranhada	18,51	18,60	18,85
	Rígida	19,79	19,39	21,57
	Caótica	13,84	13,89	16,28
	Comunicação	39,65	39,45	39,28
	Satisfação	37,54	37,84	35,14

Nota. *M* = Média; *FACES-IV* = Escala de Avaliação da Adaptabilidade e da Coesão Familiar versão IV; Momento A = primeira vez que os sujeitos responderam ao questionário; Momento B = segunda vez que os sujeitos responderam ao questionário; Momento C = terceira vez que os sujeitos responderam ao questionário.

Apêndice J – Média dos resultados da *WFRQ* de uma amostra longitudinal em contexto de pandemia *COVID-19*

		Amostra longitudinal		
		Momento A	Momento B	Momento C
		<i>M</i>	<i>M</i>	<i>M</i>
WFRQ	Sistema de Crenças	67,23	66,92	62,28
	Padrões Organizacionais	41,10	40,73	38,85
	Comunicação e Resolução de Problemas	23,79	23,07	22,14

Nota. *M* = Média; *WFRQ* = *Questionário de Resiliência Familiar de Walsh*; Momento A = primeira vez que os sujeitos responderam ao questionário; Momento B = segunda vez que os sujeitos responderam ao questionário; Momento C = terceira vez que os sujeitos responderam ao questionário.